

REVOLUÇÃO

PERMANENTE

HEGEMONIA IMPERIALISTA EM DISPUTA



REVOLUÇÃO PERMANENTE

Diretor: Alejandro Bodart

Comitê Editorial: Imran Kamyana - Ezra Otieno
Oleg Vernyk - Sergio García - Douglas Diniz
Rubén Tzanoff - Verónica O'Kelly - Joaquín Araneda

Edição: Pablo Vasco - Martín Carcione
Arte e Diagramação: Tamara Migelson
Tradução: Alessandro Fernandes
Revisão: Neide Solimões — Vera Coimbra

Nossas redes::

www.lis-isl.org/pt

Mail: ligainternacionalsocialista@gmail.com

 Liga Internacional Socialista

 @ligainternacionalsocialista

 Liga Internacional Socialista @isl_lis

 Liga Internacional Socialista (LIS)

Os artigos e reportagens não expressam necessariamente as posições da LIS, mas de seus autores



3 Hegemonia imperialista em disputa

5 O declínio da hegemonia imperialista dos EUA

9 Rivalidade interimperialista na Ásia-Pacífico e os preparativos para a Guerra

14 O Que é a China?

22 500 dias de guerra na Ucrânia

23 Quem se beneficia financeiramente com a guerra?

25 O governo antioperário de Zelensky

26 Que plano de reconstrução será necessário?

27 Notas sobre as guerras imperialistas e o “pacifismo”

29 Basta de perseguições na Rússia

31 Internacionalismo contra a repressão de Lukashenko

34 A política dos revolucionários

39 As limitações do PSOL e a construção do partido revolucionário no Brasil de Lula

41 COP-30 no Brasil: o “blá, blá, blá” virá à Amazônia

42 Argentina: Após o triunfo de Milei, mais tensões sociais Qual deve ser a estratégia da Frente de Esquerda?

48 I Congresso Pan-africano da LIS


la montaña
EDICIONES SOCIALISTAS
Perú 439 1°
Buenos Aires
Argentina, C.P. 1067



Hegemonia imperialista EM DISPUTA



Devemos passar por momentos de gravidade sem precedentes na história. A crise econômica estrutural do sistema capitalista imperialista, o aumento da miséria e da desigualdade, originando recorrentes rebeliões, polarizações sociais e convulsões políticas, com novas pandemias, catástrofes climáticas e guerras regionais que provocam migrações forçadas em massa e a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial no horizonte.

A diferença qualitativa em relação aos períodos anteriores é que o aquecimento global, as mudanças climáticas, a poluição e a destruição ambiental atingem hoje níveis nunca vistos, talvez já ultrapassando alguns limites sem volta. Não é “uma mentira da esquerda marxista”, como diz a direita negacionista, mas uma verdade factível e científica. Ao mesmo tempo, a magnitude dos arsenais que as grandes potências acumulam, numa corrida armamentista

que inclui, evidentemente, as armas nucleares, é suficiente para colocar a possibilidade do desaparecimento da civilização e do próprio planeta Terra que nos abriga.

Atualmente, dois adversários centrais protagonizam uma crescente disputa pela hegemonia mundial. Não caminhamos para um mundo “multipolar”, com certo equilíbrio, mas a confrontos maiores. A troca de um imperialismo por outro, nunca teve um caráter pacífico e sim, bélico. De um lado, os Estados Unidos: embora ainda continue sendo o imperialismo dominante, está em declínio desde que o fim da ex-URSS e o enfraquecimento de todo o aparato stalinista os deixaram sozinhos, sem um parceiro, para enfrentar o conflito mundial. Seu adversário óbvio é a China que, com muita pressa, avança seu peso e ingerência comercial, econômica, política e militar no plano internacional.



Esta grande disputa e a hipótese de uma nova guerra mundial são temas de análise e debate para toda a classe burguesa e, obviamente, para as correntes marxistas e revolucionárias. A caracterização da China está diretamente ligada a isso: é um capitalismo de Estado, é uma *economia em transição* ou já visualizamos um novo imperialismo? Em todo caso, diferentemente de outros setores de centro-esquerda e de esquerda, nós da Liga Internacional Socialista, a LIS, não atribuímos à China nenhum papel progressista, mas sim, capitalista explorador e tão predador quanto os Estados Unidos.

No caso de um confronto direto entre as duas superpotências, toda a área do Oceano Pacífico seria o primeiro teatro de guerra, mas não o único. Nesse caso, seria de primeira necessidade coordenar uma grande campanha internacional contra a guerra. Mas essa disputa pela hegemonia já tem hoje expressões regionais específicas, como as tensões em Taiwan e Hong Kong, as ameaças de intervenção militar imperialista no Níger e no Haiti, ou a tentativa da OTAN de avançar no Leste Europeu, a invasão reacionária da Rússia à Ucrânia e a consequente guerra que continua. À rejeição de toda ingerência imperialista, é preciso somar a defesa ao direito de todos os povos subjugados à sua autodeterminação, independência e soberania nacional.

Quanto a esta guerra, indo além do *campismo*, que sustenta a Rússia como um *campo* progressista contra a OTAN, tanto o *pacifis-*

mo levantado por setores da centro-esquerda, quanto o *derrotismo* de mão dupla de algumas correntes trotskistas, acabam sendo erros funcionais para Putin. Essas divisões impediram o desenvolvimento de uma ampla mobilização contra a invasão. Em vez disso, nossa posição integra o apoio à luta legítima do povo ucraniano para defender seu território contra a invasão russa, enquanto denuncia politicamente o governo capitalista de Zelensky e exige a retirada e a dissolução da OTAN.

Todas essas instigantes questões políticas e teóricas constituem o principal objeto desta edição da revista *Revolução Permanente* que oferecemos aos nossos leitores: qual é a real situação dos Estados Unidos; o que é a China e qual o papel que desempenha no mundo; as tensões na região da Ásia-Pacífico; as notícias da guerra Rússia-Ucrânia; com que programa e política deve intervir as organizações revolucionárias. Ainda há outras sobre os debates políticos na esquerda radical na Argentina e no Brasil e sobre a realização do 1º Congresso Pan-Africano da LIS, no Quênia.

Apresentamos tudo isso como uma contribuição à melhor compreensão dos desafios que as complexas notícias do mundo nos colocam e à política para intervirmos corretamente, construindo o reagrupamento internacional dos revolucionários e a revolução socialista em cada país e no mundo, a única saída estratégica para derrotar este sistema desumano de exploração, opressão e morte, antes que mergulhemos na barbárie mais atroz. ✊



Pessoas em situação de rua nos EUA.

O DECLÍNIO da hegemonia imperialista dos EUA

POR LUIS MEINERS

O declínio e a crise da hegemonia imperialista dos EUA é uma das características centrais no presente. Embora continue sendo a principal potência imperialista, não é mais capaz de ditar sozinho os termos da ordem mundial e enfrenta um rival estratégico em ascensão. Este declínio relativo tem bases profundas e é marcado por eventos cruciais das últimas décadas.

Os EUA saíram da Segunda Guerra Mundial como a principal potência capitalista do planeta. Com a URSS, constituíam os dois polos da ordem mundial do pós-guerra. O acordo de Bretton Woods de 1944 selou a hegemonia do dólar

como moeda mundial e deu origem ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial, constituindo o arcabouço institucional da hegemonia estadunidense.

Na década de 1970, porém, a situação começou a se complicar. A recuperação das potências capitalistas destruídas na Segunda Guerra Mundial — Alemanha e Japão — significou uma competição crescente para a indústria norte-americana. Michael Roberts¹ aponta que, a partir da segunda metade da década de 1960, a taxa de lucro nos Estados Unidos começou a declinar. Somado a isso, em 1974 houve a derrota militar do imperialismo estadunidense no Vietnã.

Com o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, os EUA emergiram como o líder indiscutível de um mundo unipolar. O imperia-

lismo estadunidense tentou organizar o mundo de acordo com suas necessidades hegemônicas. Isso significou incorporar os países no novo quadro internacional e expandir sua influência por meio de novas instituições e acordos comerciais. Um exemplo disso foi a expansão da OTAN nos estados do Leste Europeu. Ambos os partidos capitalistas dos EUA estavam comprometidos com esta estratégia imperialista. O imperialismo dos EUA também atuou como polícia global, tentando estabilizar a ordem mundial sob sua hegemonia.

Tropas dos EUA
em invasão ao
Iraque.

Com George W. Bush, o imperialismo estadunidense tentou consolidar sua hegemonia fortalecendo o controle sobre o Oriente Médio. Lançou guerras no Afeganistão e no Iraque, pre-



tendendo conseguir rápidas mudanças de regime naqueles países, aproveitando a oportunidade após o ataque às Torres Gêmeas para justificar o aumento do militarismo. Essa ofensiva foi projetada como uma plataforma para alcançar maior controle sobre a região e seus recursos estratégicos.

Mas estes eventos mostraram que uma nova ordem mundial unipolar não seria uma aposta fácil. Durante décadas o stalinismo agiu para conter, desviar e desativar processos revolucionários e levantes na luta de classes ao redor do mundo. O colapso da ordem bipolar do pós-

-guerra significou o isolamento do imperialismo estadunidense no esforço para controlar e resolver os conflitos e contradições emergentes.

No Iraque e no Afeganistão, a ofensiva militar dos EUA atolou em guerras sem fim e sem sinais de vitória. Isso também provocou um aumento do sentimento anti-guerra, com grandes manifestações em todo o mundo e também nos EUA. Neste contexto, ficou cada vez mais isolado, seus planos de consolidar a hegemonia imperialista produziram resultados opostos aos planejados.

A CRISE DE 2008

A crise econômica iniciada após o estouro da bolha imobiliária teve sua raiz na tentativa de superar a crise dos anos 1970. A ofensiva neoliberal desde o final dos anos 70, marcada pela alta nas taxas de juros do Federal Reserve (Banco Central norte-americano), quando o órgão foi presidido por Paul Volcker — o chamado *Volcker Shock* —, conseguiu uma recuperação da taxa de lucro em cima de uma forte recessão, durante a primeira metade dos anos 80 e, uma grande ofensiva contra a classe trabalhadora. Mas, na primeira década do século XXI, a recuperação deu sinais de esgotamento. A queda da taxa de lucro gerou uma bolha especulativa que finalmente estourou.

A crise de 2008 abriu uma década de estagnação econômica, polarização social e política nos EUA e no mundo, o que impactou a hegemonia dos EUA. A Primavera Árabe de 2011, com revoluções, contrarrevoluções e guerras civis, encontrou com os EUA exausto pelas guerras no Iraque e no Afeganistão. A intervenção ianque na região foi disputada com as potências regionais e com a Rússia, não conseguindo uma hegemonia no território. Ao mesmo tempo, seus principais aliados da OTAN na Europa Ocidental enfrentavam suas próprias crises e protestos massivos, como foi o caso da Espanha.

Nos EUA, o Occupy Wall Street reiniciou um ciclo de mobilizações após importantes lutas na década anterior, como o movimento antiguerreira e as históricas greves de imigrantes que, sob pressão dos democratas, foram canalizadas nas eleições. Houve um processo de radicalização política da juventude para além do movimento. Em 2014, o primeiro ciclo de mobilização do Black Lives Matter surgiu após os assassinatos de Michael Brown e Eric Garner pela polícia, com um enorme potencial da luta negra contra o ra-

cismo e contra a polícia, que se ampliou a partir de 2020. O início do governo Donald Trump produziu uma grande resposta do movimento feminista. A Marcha das Mulheres contra a posse de Trump reuniu centenas de milhares em Washington e milhões em todo o país. Em todo o período também houve um relativo ressurgimento das lutas do movimento operário.

A direita teve seu próprio processo de “radicalização”. A primeira evidência disso foi o Tea Party, em resposta à eleição de Obama e seu pacote de resgate econômico. Teve expressão nas ruas em 2009 e nas eleições de 2010, uma contestação da direita ao establishment do Partido Republicano. Esse processo foi expresso novamente na campanha de Trump em 2016. Após sua vitória, a extrema direita convocou a manifestação “Unite the Right” em Charlottesville em 2017.

Nesse cenário de polarização social, as estruturas políticas tradicionais do regime estadunidense foram abaladas pelo sentimento anti-establishment. As posições “moderadas” nos partidos Republicano e Democrata perderam terreno para um fenômeno da direita e da esquerda. Abalados por tensões internas, os EUA passaram a enfrentar também um rival estratégico no plano internacional.

A DISPUTA INTERIMPERIALISTA EM TEMPOS DE TRUMP

Combater a China tornou-se uma prioridade durante o governo Obama. A abordagem adotada para fazer isso foi tentar isolá-lo, garantindo assim o controle dos EUA sobre o Pacífico. O Tratado Transpacífico (TTP) foi uma iniciativa fundamental nesse sentido, com um acordo comercial entre os países de toda a região, deixando explicitamente a China de fora, para impedir a expansão de sua influência por meio do comércio e da diplomacia.

Trump aumentou ainda mais as tensões com a China, passando de uma estratégia baseada no isolamento e contenção, para uma postura de confronto mais direto. Isso pode ser visto na guerra comercial lançada em 2018. Não foi uma escalada sem sentido, expressava a necessidade do imperialismo norte-americano em enfrentar um rival em ascensão, enquanto encontra-se em declínio.

No entanto, talvez seja nesse aspecto que Trump tenha deixado a classe dirigente dos EUA

mais insatisfeitas em suas necessidades. Ao longo de sua presidência, aconteceram vários momentos de embate aberto com o establishment da política externa: as polêmicas sobre a retirada das tropas da Síria, o relacionamento com a OTAN, a renúncia do Secretário de Defesa, James Mattis, entre outros. O unilateralismo de Trump e o enfraquecimento do sistema tradicional de alianças, com a retirada de acordos multilaterais sobre comércio e meio ambiente, foram questionados por democratas e republicanos. Trump foi criticado também por seu foco na Rússia e na China.

Apesar da retórica isolacionista, Trump seguiu os interesses globais do capital dos EUA, embora se afaste em parte do consenso estabelecido. A abordagem mais agressiva e unilateral de Trump



Fila em Banco de Alimentos nos EUA.

alienou os aliados tradicionais, enfraquecendo a posição internacional dos EUA. Tudo isso resultou na ansiedade da classe dominante e do aparato de Estado que Biden soube representar na disputa eleitoral de 2020.

BIDEN, O RETORNO DOS EUA?

Biden prometeu restaurar a liderança dos EUA no mundo, seguindo as preocupações expressas pelo aparato de Segurança Interna e pela classe dominante dos EUA. Contra a abordagem unilateral “America First”, expressou a necessidade de recuperar a posição com seus aliados tradicionais para formar uma base sólida na competição com seus rivais. Isso reflete tanto a compreensão de que os Estados Unidos devem enfrentar um mundo de maior instabilidade e competição interimperialista quanto a consciência de que sua relativa fraqueza significa que não podem agir sozinhos.

A invasão russa forneceu uma oportunidade para o governo Biden avançar nessa tarefa estra-



Joe Biden tégica. Uma das consequências da invasão de Putin foi um relativo fortalecimento da OTAN. Essa aliança declina com a perda de prestígio do imperialismo ianque após as invasões no Iraque e no Afeganistão. As tensões entre os diferentes Estados-membros da aliança foram publicizadas em mais de uma ocasião. A presidência de Trump e sua política “America First” aprofundaram essa situação.

A política do imperialismo ianque na Ucrânia tem sido marcada por isso e pela orientação de enfraquecer a Rússia o quanto for possível. Ao mesmo tempo, evita o envolvimento direto e reduz qualquer tipo de assistência que possa levar a uma escalada envolvendo o confronto direto. Ao longo desse processo, às vezes entrou em conflito com seus aliados da OTAN, mas em termos

Black lives matter.
EUA, 2020.

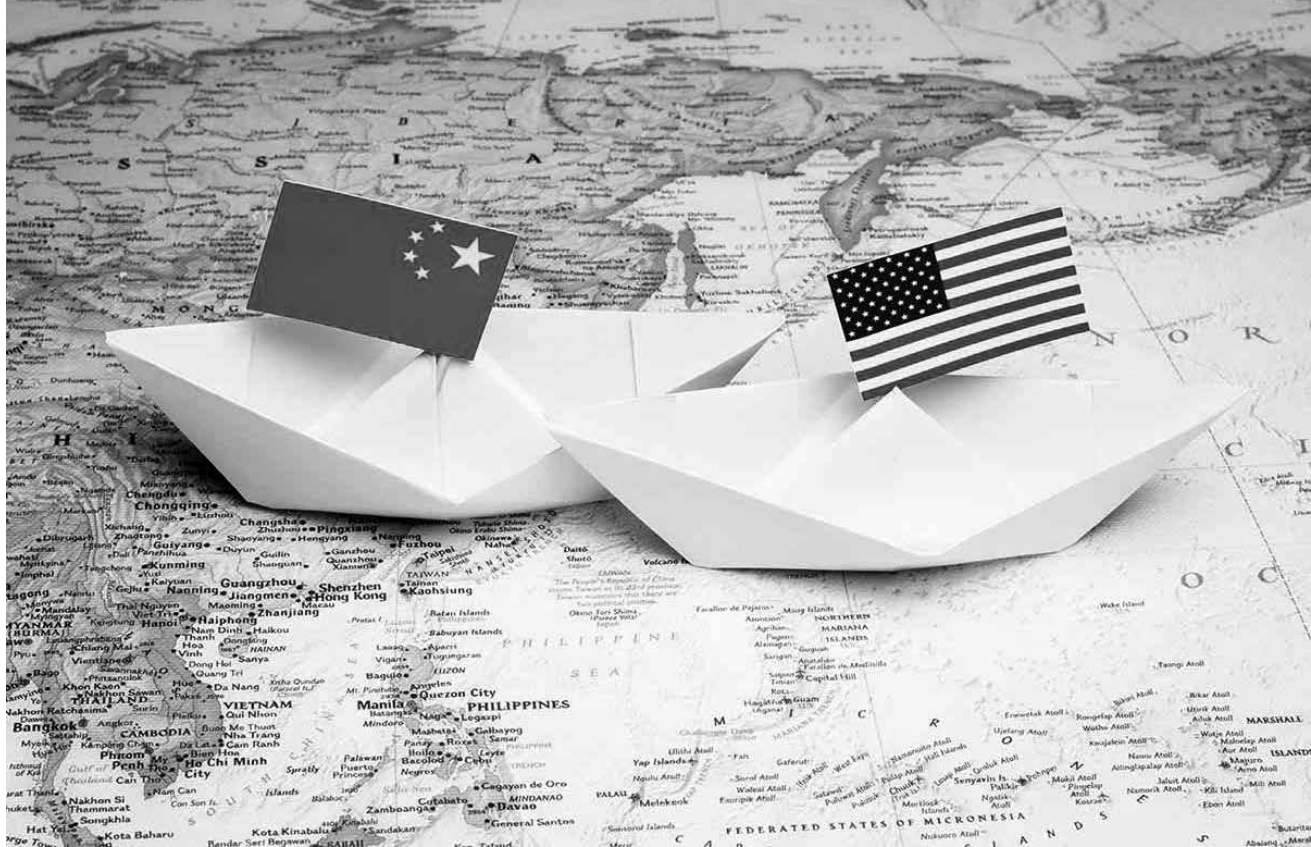
gerais a aliança está melhor hoje do que antes da invasão russa da Ucrânia.

As tensões interimperialistas com a China continuaram a aumentar. Um ponto alto ocorreu em 2022 com a visita de Nancy Pelosi a Taiwan. Embora os EUA continuem formalmente comprometidos com a política de ambiguidade estratégica (reconhecendo a soberania da China, mas reconhecendo a independência de Taiwan), se tornaram mais explícitos em sua defesa da ilha. O governo Biden também acelerou iniciativas em matéria comercial e econômica que visam reorientar a produção e abastecimento (principalmente tecnológicos), tirando-os da órbita chinesa. Ao mesmo tempo, tem procurado fortalecer os vínculos estratégicos no Pacífico, com a Austrália e o Japão.

Os EUA continuam sendo a potência imperialista hegemônica. Mas não há dúvida de que essa hegemonia está em crise e é questionada. Atravessamos uma situação de fortes tensões. Além da guerra na Ucrânia e da rivalidade com a China, a tensão cresce na península coreana. Neste quadro, é fundamental que os socialistas revolucionários se opunham ao imperialismo estadunidense com uma posição independente e contrária a toda agressão imperialista, mas sem cair em nenhum tipo de campismo. ✊

1. Michael Roberts. *O declínio relativo dos EUA*. 2021.
Em: <https://aterraeredonda.com.br/o-declinio-relativo-dos-eua/>





RIVALIDADE interimperialista na Ásia-Pacífico e os preparativos para a Guerra

POR TOM BRAMBLE — SOCIALIST ALTERNATIVE, AUSTRÁLIA

A região da Ásia-Pacífico é um centro vital para a economia mundial, 60% do comércio marítimo passa por esta região, 1/3 pelo Mar da China Meridional. A crescente rivalidade interimperialista nesta região, está se aproximando de uma guerra com consequências catastróficas.

Desde 1945, após esmagar a concorrência do Japão, os EUA dominaram essa vasta extensão. A Frota do Pacífico é a mobilização mais formidável do poder militar. As finanças e multinacionais dos

EUA, há muito desempenham um papel importante na região. Mas, a China, impulsionada pelo crescimento espetacular de sua economia nas últimas três décadas e o aumento de seu poder estatal, agora desafia o domínio dos EUA. A classe dominante chinesa não pode tolerar uma situação que lhe impeça de desempenhar o poder na região, que considera sua por direito. As ambições da China na Ásia são uma ameaça aos EUA. Washington não pode se dar ao luxo de expulsar sua frota do Pacífico, isso sinalizaria aos aliados e adversários que não é mais “a nação indispensável do mundo”, como Hillary Clinton descreveu os EUA. Ambos os países estão desenvolvendo múltiplas estratégias de dominação.

A OFENSIVA DOS EUA CONTRA A CHINA

O governo Biden herdou e intensificou a orientação de Trump para atingir a China em todos os domínios. Os gastos militares dos EUA ampliaram com centenas de instalações militares na Ásia e no Pacífico ocidental. O Japão abriga a maior parte, com 50 mil militares. Okinawa, uma ilha no sul do Japão, abriga a maior ala da Força Aérea dos EUA. A Coreia do Sul tem 30 mil soldados em 15 bases navais, incluindo o Camp Humphreys em Seul, a maior base militar dos EUA no exterior, além de Jeju que, como Okinawa, está há poucas centenas de quilômetros da costa chinesa. Guam, no Pacífico e Diego Garcia, no Oceano Índico — territórios controlados pelos EUA — abrigam uma frota de bombardeiros B 52 com milhares de militares. Os EUA também têm um acordo com Singapura, que permite usar bases navais e aéreas num ponto estratégico vital no Estreito de Malaca, na entrada do Mar da China Meridional.

Os EUA aumentaram os exercícios militares com seus aliados de longa data na região: Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Austrália e Cingapura e agora, com o Vietnã e as Filipinas, dois países que historicamente expulsaram bases americanas. Exercícios navais conjuntos, eufemisticamente chamados de “liberdade de navegação”, envolvem regularmente dezenas de navios e submarinos com patrulhas hostis na costa da China e no Estreito de Taiwan.

O OBJETIVO DAS BASES E EXERCÍCIOS MILITARES DOS EUA É INTIMIDAR A CHINA

Os aliados dos Estados Unidos seguem o exemplo aumentando seus gastos militares. O Japão ampliou seu orçamento de armas em 20%, chegando a US\$ 55 bilhões. A Coreia do Sul anunciou aumentos anuais de 7% para os próximos 5 anos.

A Austrália também está desempenhando um papel cada vez mais importante nos preparativos da guerra dos Estados Unidos, com novos gastos militares, mais de US\$ 300 bilhões em uma frota de submarinos movidos à energia nuclear. As instalações de inteligência administradas pelos EUA na Austrália Central e Ocidental são essenciais no planejamento de

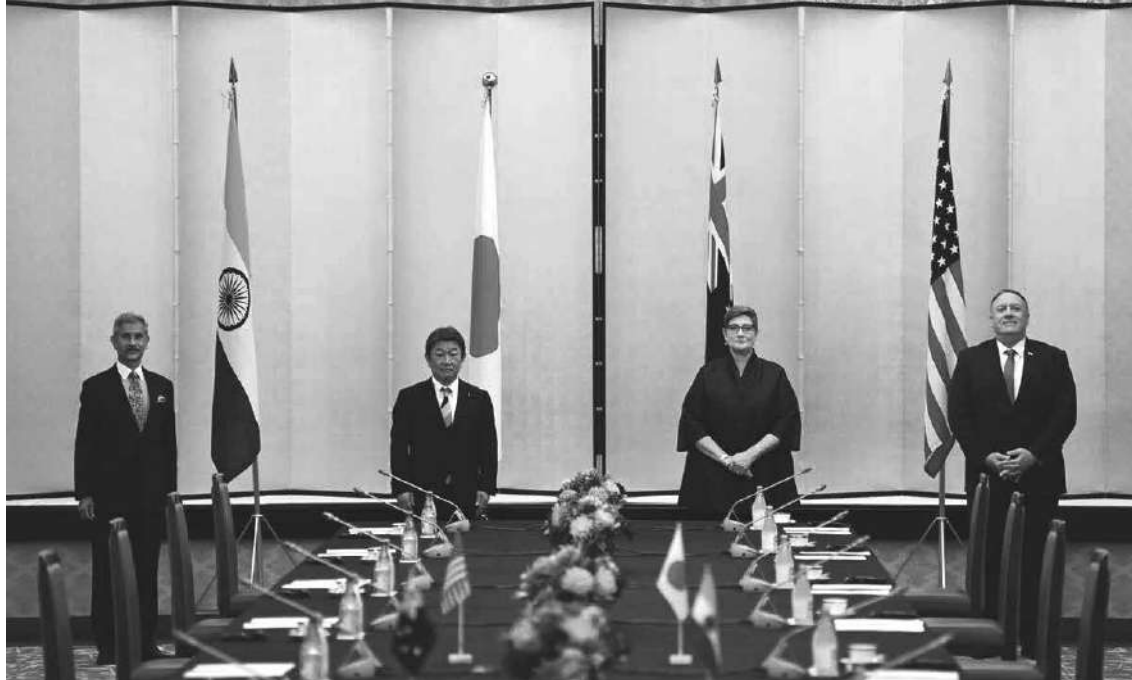
uma guerra. A Austrália fornece instalações ao Corpo de Fuzileiros Navais, à Marinha e à Força Aérea dos EUA, localizadas fora do alcance de quase todos os mísseis chineses.

O imperialismo australiano está voltando a um período anterior de intervenção agressiva na Ásia. Após a derrota dos EUA, com apoio dos australianos, no Vietnã na década de 1970, a Austrália moderou suas ambições militares no exterior e introduziu a doutrina da “Defesa da Austrália”, uma concentração de forças em casa e a redução do orçamento militar. Mas isso não impediu de se juntar às forças dos EUA na Guerra do Golfo de 1991 e nas invasões ao Afeganistão e ao Iraque, no início dos anos 2000, nem impediu a intimidação australiana nas ilhas do Pacífico Sul, embora tenham sido implantadas em pequena escala.

A Austrália agora voltou à doutrina de “defesa avançada”, ambições militares muito mais agressivas e o posicionamento da marinha longe da costa australiana, mais próximo da China, com submarinos nucleares que rondarão a costa chinesa, em prontidão para disparar mísseis de cruzeiro. A “defesa avançada” não significa defender o continente australiano, mas apoiar os EUA em seu domínio da região.

A Austrália também esteve na vanguarda em aproximar a Índia da estratégia liderada pelos Estados Unidos para frear a China. Historicamente, a Índia buscou se distanciar das potências imperialistas e ficou ao lado da Rússia, que lhe forneceu grande parte de suas armas e petróleo. O primeiro-ministro, Narendra Modi, atualmente se aproxima dos EUA, sendo homenageado na Austrália e nos EUA (mesmo rejeitando a pressão dos EUA em abandonar a Rússia). Em sua fronteira com a China, a Índia participou voluntariamente do Diálogo de Segurança Quadrilateral (*Quad*, sigla em inglês) com o Japão, os EUA e a Austrália, reativado após uma década de inatividade.

Os EUA também estão pressionando seus parceiros da OTAN para estender o alcance da aliança na Ásia. A declaração da Cúpula da OTAN, em junho de 2022, foi a primeira a citar a China como uma ameaça, “*um desafio aos nossos interesses, segurança e valores*”. Grã-Bretanha, França, Alemanha, Holanda e Canadá enviaram navios de guerra ao Mar da China Meridional em 2021–22, uma indicação de que os EUA estão preparando seus aliados para a guerra.



Encontro do
Quad: Eua, Japão,
Índia e Austrália.

Ao mesmo tempo, a China não está inerte. O Partido Comunista Chinês – PCC tem modernizado e aprimorado sua capacidade de combate nas últimas décadas, desejando um pedaço do bolo global. Embora ainda esteja atrás dos EUA, está muito à frente de qualquer outra potência em termos de capacidade militar. Conforme o relatório do Departamento de Defesa dos EUA de 2020 ao Congresso, “a China já alcançou a paridade com os Estados Unidos, ou até a ultrapassou, em várias áreas de modernização militar”, incluindo a construção naval, mísseis balísticos, cruzeiros convencionais em terra e sistemas integrados de defesa aérea. Os sistemas chineses de mísseis balísticos e de cruzeiro lançados do solo têm o objetivo de destruir bases e ativos navais dos EUA espalhados na Ásia e no Pacífico. Seu sofisticado sistema antiacesso tem a capacidade de neutralizar as bases dos EUA no Japão, na Coreia do Sul e a frota dos EUA, anteriormente inacessível no Pacífico, particularmente seus porta-aviões. Ambos os lados afiam suas espadas em preparação para a guerra.

A GUERRA ECONÔMICA

As crescentes tensões imperialistas também acontecem na esfera econômica e industrial. Ambos os lados estão tentando reduzir seu envolvimento econômico com o outro.

Enquanto os EUA exerciam a hegemonia global, suprimindo efetivamente o conflito militar interimperialista por um período, as grandes corporações eram livres para escolher como

e onde investir e comercializar. Isso permitiu uma desconexão parcial entre o comércio e o Estado. Mesmo em setores sensíveis, como o de armas, onde o Pentágono é o principal cliente, as empresas ianques terceirizam a produção de aço e componentes eletrônicos importantes para a China. Agora, o aumento da tensão está forçando o comércio a se alinhar com as prioridades de Estado, à medida que aumentam as barreiras comerciais e de investimento. Nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, o controle das reservas mundiais de petróleo estava na vanguarda do pensamento estratégico e das implantações militares, mas hoje, semicondutores avançados, maquinários e consumíveis, como terras raras¹ e outros minerais, são necessários para fabricá-los.

Para a China, isso não é novidade. Pequim há muito tempo usa as empresas como servidoras do poder nacional. Durante anos, a China tentou encorajar uma maior autossuficiência em setores centrais, particularmente em computação, semicondutores e tecnologia de satélites. Isso sustenta o programa “China 2025”, estimulando a produção local em diversos setores de alta tecnologia.

O Estado dos EUA está se recuperando. A guerra na Europa, um possível confronto na Ásia e a interrupção do comércio causada pela pandemia da Covid-19 levaram os formuladores de políticas a reconhecer os riscos nas cadeias de suprimentos com a China. Há um acordo bipartidário onde o negócio do imperialismo é importante demais para ser deixado nas mãos dos empresários, sendo submetido à vontade do Departamento de Estado e do Pentágono. Segundo

o governo Biden: “segurança econômica é segurança nacional”. O *Made in America* está reorganizando a globalização como princípio orientador.

Os EUA estão tentando reconfigurar sua base industrial para trazer a indústria “para casa”, ou pelo menos, aos seus aliados próximos, fora da China. As indústrias militares são prioridades. No segundo semestre de 2022, a Casa Branca aprovou bilhões de dólares em subsídios para a produção local de semicondutores, de inteligência artificial, robótica e computação quântica. Mais de dezenas de bilhões de dólares em subsídios incentivarão a produção de painéis solares, baterias e carros elétricos.

Um comentarista do *Financial Times* descreveu tudo isso como a “guerra econômica total” dos EUA contra a China, uma tentativa de esmagar a capacidade daquele país de melhorar sua base industrial.

Em outubro do ano passado, o Departamento de Comércio dos EUA introduziu controles de exportação para limitar o acesso de Pequim a tecnologias de ponta, seja para aplicações civis ou militares. Esta é uma guerra comercial feroz, impulsionada pela rivalidade interimperialista. A história nos mostrou que as guerras comerciais abriram as portas das guerras militares.

A segurança energética impulsiona a política imperialista, tanto no Oriente quanto no Ocidente, uma prioridade dos EUA há anos: se o Pentágono fosse forçado a depender do petróleo importado, não poderia ter a certeza de que seus tanques e caças poderiam operar em tempos de guerra. Os EUA alcançaram a autossuficiência energética e são um grande exportador de petróleo e fornecedor de GNL após bilhões de dólares investidos em fracking².

A China carece de suprimentos de carvão e gás para a indústria de energia e deve garantir o fornecimento com as nações amigas. As conexões com a Rússia e o Irã cresceram, também com a Arábia Saudita e os países do Golfo, indignados com as tentativas dos EUA de regular as exportações de petróleo no Golfo.

QUAIS AS POSSIBILIDADES DE UMA GUERRA?

Alguns observadores esperam que a guerra não estoure, o principal motivo é a relação econômica entre as potências ocidentais e a China. Acreditam que este fato poderia desacelerar os dois lados, que arruinariam as relações financeiras e comerciais.

Um cenário provável não é uma guerra total entre os EUA e a China nos próximos 4 ou 5 anos. Nenhum dos polos se sente pronto ainda para isso. O provável, também perigoso, é um período prolongado de tensões crescentes, consolidação de alianças e ampliação militar, o que faz um confronto parecer inevitável em algum momento, facilmente desencadeado por algum erro de cálculo ou algum imprevisto. Foi o que aconteceu na Primeira Guerra Mundial. Na primavera de 1914, ninguém poderia imaginar que uma das guerras mais mortíferas da história da humanidade iria estourar no outono, resultando entre 15 e 22 milhões de pessoas mortas.

Sendo um sistema caótico movido pela competição, o capitalismo não opera com base no que faz sentido para a humanidade, mas no que possibilitará a uma ou outra classe dominante uma vantagem sobre suas rivais. Em uma competição pelo sistema mundial, os cálculos financeiros de curto prazo, como a perda de mercados e a interrupção do comércio internacional, podem ser esquecidos se o resultado for a derrota de um polo. Foi isso que levou a Grã-Bretanha e a Alemanha à guerra entre si em 1914, a mesma lógica que hoje empurra os EUA e a China para um possível confronto militar.

Evidente, a ordem mundial capitalista mudou substancialmente desde 1914, mas a lógica competitiva substancial do capitalismo permanece. O capitalismo continua a ser um sistema sobre a exploração dos trabalhadores, onde o lucro está acima de todas as necessidades humanas. A implacável lógica competitiva do capitalismo empurra à miséria profunda com crises econômicas cíclicas, destruição ambiental e constantes choques de mercados, oportunidades de inversão e exploração de matérias-primas. A consequência são repetidos surtos de guerra.

O fato das grandes potências ainda não terem declarado guerra na era nuclear, sugere a alguns que a ameaça de *destruição mútua assegurada* (*MAD*, sigla em inglês) impedirá cada lado.

A *MAD* ajudou a fortalecer a chamada distensão entre as duas superpotências, Rússia e os Estados Unidos, para uma destrutividade relativamente equilibrada. Mas a guerra nuclear foi evitada por pouco na época da Crise dos Mísseis de Cuba em outubro de 1962. O menor erro de



Presença dos EUA na Ásia-Pacífico.

cálculo poderia ter levado ao Armagedom.

Com o declínio relativo dos EUA e a ascensão da China, o equilíbrio das forças imperialistas mudou nas últimas duas décadas, de forma decisiva, criando uma situação mais instável e incerta. A “distensão” entre os EUA e a URSS, com pico em 1969, acabou há muito tempo.

Mesmo que a *MAD* faça as grandes potências hesitarem em lançar armas nucleares umas contra as outras, não impediu a guerra na Ucrânia, o maior conflito militar no coração da Europa, desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

A guerra na Ucrânia mostrou como as chamadas armas convencionais se tornaram ainda mais destrutivas. Mesmo que não tenha desencadeado uma guerra ampla ou uma guerra nuclear, até agora, uma grande guerra convencional não pode ser descartada.

Taiwan é um ponto crítico. É o lar das fábricas dos semicondutores mais sofisticadas do mundo, um prêmio reluzente para quem controla a ilha. O território há muito tempo está alinhado aos EUA, mas o PC Chinês considera Taiwan uma província renegada, um assunto pendente desde a época colonial. Não é apenas uma questão de orgulho nacional para o PCC. Enquanto Taiwan estiver alinhado aos EUA, a China a vê como um obstáculo ao seu controle sobre o Mar da China Meridional. Xi Jinping observou como os EUA mobilizaram a OTAN contra a Rússia e teme que a China possa estar sujeita à mesma coerção com o avanço em Taiwan. Por isso, redobra os esforços para construir a autossuficiência militar e econômica da

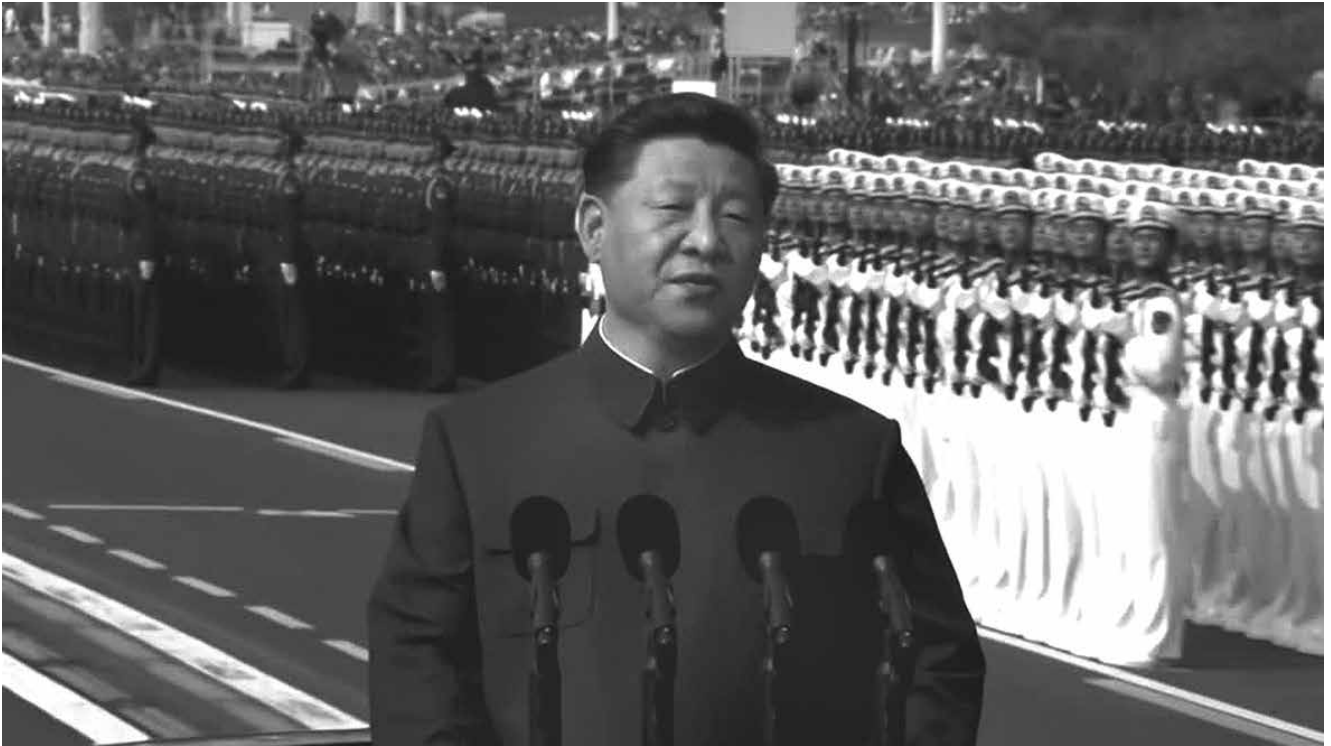
China. Ao mesmo tempo, o presidente Biden declarou repetidamente nos últimos 2 anos que os EUA apoiarão Taiwan no caso de uma invasão chinesa.

Se encerra uma era na política mundial e uma nova está se manifestando. A rivalidade interimperialista se torna mais perigosa. Os orçamentos militares estão em alta. O nacionalismo está em alta. A lógica dos acontecimentos leva à guerra imperialista total. As terríveis armas que os imperialistas têm à sua disposição e as consequências, se não conseguirem vencer, nos alertam sobre a catástrofe que espreita a população mundial caso irrompa uma nova guerra regional ou mundial.

A guerra não é inevitável, não podemos confiar na diplomacia ou no bom senso dos governantes. Não podemos sentar e esperar para ver o que acontece. Precisamos construir um movimento de massas antiguerra com uma política socialista consequente para desafiar os poderes e interromper os preparativos para a guerra. ✍️

1. Terras raras são um conjunto de elementos químicos, normalmente encontrados na natureza misturados a minérios, de difícil extração, que possuem características peculiares, como magnetismo intenso e absorção e emissão de luz. Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/valiosas-e-versateis-pesquisas-com-terras-raras-mostram-caminho-para-criar-cadeia-productiva-no-brasil/>
2. Fraturamento hidráulico, técnica utilizada para realizar perfurações de até mais de 3,2 mil metros de profundidade no solo para a extração de gás de xisto ou folhelho. Fonte: <https://naofrackingbrasil.com.br>

O Que é a CHINA?



Xi Jinping.

POR CARLOS CARCIONE E VICENTE GAYNOR

Na última década, a relação EUA-China mudou drasticamente. A colaboração econômica, com alguns acordos diplomáticos e certa estabilidade geopolítica global, virou uma dinâmica de confrontos crescentes. O que é a China e que papel realiza no mundo é um debate fundamental aos revolucionários.

Guerra econômica, tensões bélicas e provocações em áreas sensíveis da soberania chinesa. Tentativas de impedimento no progresso tecnológico, forte pressão sobre parceiros comerciais ou financeiros marca a busca por deter e reverter a penetração econômica chinesa no mundo. O que começou como pressão econômica e diplomática incorporou um perigo crescente: os confrontos militares.

Essa mudança ocorre em um contexto de aceleração da crise sistêmica do capitalismo e da dominação imperialista norte-americana que, apesar de ainda ser preponderante, entrou em declínio. Isso se aprofundou após o fracasso dos EUA em transformar a Rússia numa semi-colônia após o colapso da URSS. Ao mesmo tempo, houve um crescimento econômico exponencial e uma rápida mudança estrutural na China, que a transformou de um país essencialmente camponês para se tornar a fábrica mundial e o maior exportador global de mercadorias. A mutação estrutural chinesa ocorreu em todos os níveis:

- Em velocidade recorde, formou-se uma classe trabalhadora com mais de 300 milhões de pessoas, suplantando a velha classe surgida sob o estado operário contrarrevolucionário, bem como uma burguesia poderosa baseada na apropriação colossal da mais-valia extraída à força com a superexploração brutal dos trabalhadores.

- As forças armadas também se transformaram: de exército, destinadas à defesa nacional, passaram a se organizar em forças navais ofensivas.
- De produzir imitações industriais de baixa qualidade e baixo preço, passou a fazer parte da vanguarda da pesquisa e desenvolvimento tecnológico de ponta, sendo parte dos países avançados em inteligência artificial.
- De um igualitarismo da pobreza e salários miseráveis da população, passou a multiplicar seu PIB per capita por 50 em 10 anos.

Essas transformações acompanharam um expansionismo agressivo que transformou a China em uma potência mundial dinâmica e na segunda ou primeira economia global em apenas meio século. Essas mudanças foram conduzidas de cima por um regime político totalitário, uma ditadura de partido único e uma burocracia absolutista, onde os *príncipes vermelhos* são parte da nova burguesia.

As mudanças estruturais, com velocidade, dimensão, crescimento econômico recorde e a condução dessas mudanças pelo Partido Comunista Chinês abre diversos debates na esquerda mundial. Uma parte defende que a China está em um caminho próprio ao socialismo, argumentando todos os tipos de justificativas. Outros, aceitando que a China se tornou um país capitalista, afirmam que esta enfrenta agressões estadunidenses e não tem uma política expansionista de tipo imperialista. Nossa tese é que a burocracia chinesa, hoje encabeçada por Xi Jinping, liderou por mais de três décadas uma contrarrevolução burguesa que restaurou o capitalismo na China e a transformou em um país imperialista, onde, com suas peculiaridades e contradições, atua como tal no cenário mundial.

RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

O processo da restauração capitalista do Estado operário deformado chinês foi longo e tumultuado, atravessado por grandes acontecimentos na luta de classes, fracassos econômicos retumbantes da burocracia chinesa e início da crise capitalista mundial no final dos anos 1960. A disputa durou mais de duas décadas, incluindo o fracasso do Grande Salto

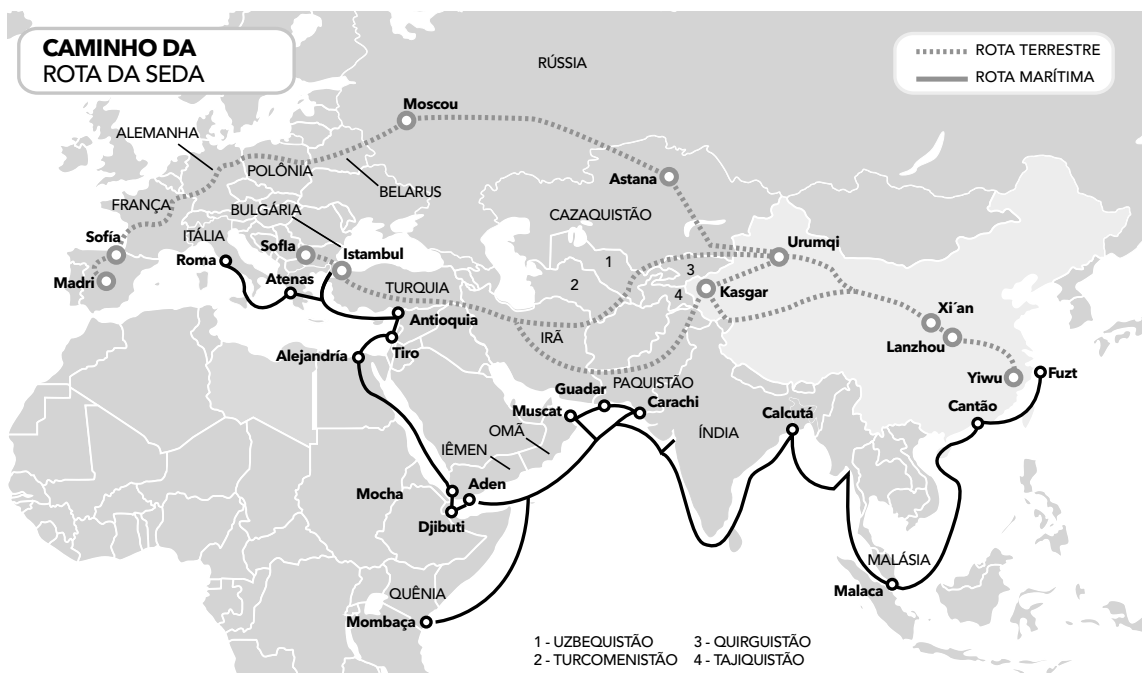
Adiante (1962), a Revolução Cultural orientada por Mao e um setor da direção do partido (1966), abertura das Zonas Econômicas Especiais (1980) e o Massacre da Praça da Paz Celestial (1989). Desenvolveu-se um processo contrarrevolucionário que consolidou a restauração capitalista em todo o país a partir dos anos 1990.

A fome causada pelo fracasso do Grande Salto Adiante¹ ultrapassou 20 milhões de mortos e provocou o isolamento de Mao, que se refugiou na direção das Forças Armadas. Em meados da década de 1960, iniciou-se uma disputa de camarilhas na burocracia governante, culminando com a morte de Mao e a volta ao poder de Deng Xiaoping, que havia sido preso. Inicia-se uma profunda mudança rumo à restauração capitalista, cujos primeiros passos já haviam sido dados no campo com incentivos econômicos aos camponeses. Mas, o passo fundador foi a criação das *Zonas Especiais* onde prevalecia uma política de livre mercado.



Fábrica automatizada de automóveis em Shenyang

A abertura das relações capitalistas possibilitou grandes investimentos com enormes facilidades de participação no comércio internacional, significou a eliminação do monopólio estatal nessa área. No campo, os camponeses foram autorizados a vender no mercado a produção de suas terras. O processo de privatização das empresas estatais acelerou desde 1995, passando de 118 mil empresas controladas pelo Estado e pelo partido, para menos de 50 mil. O número de trabalhadores estatais caiu drasticamente de 145 milhões para 75 milhões. Como a lei que impedia a migração interna do campo para as cidades não foram efetivamente



aplicadas, formou-se uma classe trabalhadora jovem, formada por *migrantes internos ilegais* sem direitos trabalhistas, salários ou benefícios estatais básicos como saúde, educação e seguridade social, que também avançaram na privatização.

Ao mesmo tempo, a autorização foi seguida pela desapropriação de grandes áreas para construção de novas cidades, boa parte vazias e *cidades fantasmas*. Esse boom gerou uma bolha, como demonstra a recente crise da Evergrande, corporação privada de negócios imobiliários e financeiros. O impulso da atividade imobiliária nas primeiras décadas da restauração capitalista gerou um mercado privado e uma especulação no estilo ocidental.

Estima-se que 20% das casas ainda estejam desocupadas e que as dívidas hipotecárias impagáveis totalizem US\$ 340 bilhões.

Este processo de apenas 30 anos se consolidou num cenário de grandes mudanças que, desde 1989, vive o chamado *socialismo real*, ou seja, os Estados sob o controle da burocracia contrarrevolucionária da URSS. Isso também se manifestou na China, mas com um resultado diferente. Enquanto a marcha da URSS pôs fim à ditadura do PC, implodindo em um resultado contraditório na consciência do movimento de massas, com um sinal parcialmente positivo devido ao dismantelamento deste aparato contrarrevolucionário mundial, na China, o caminho foi contrário. Em 1989, enormes mobilizações de estudantes e trabalhadores fo-

ram esmagadas a sangue e fogo no Massacre de Tiananmen, consolidando a ditadura de uma burocracia dominante e acelerando o ritmo da restauração.

A propaganda do regime chinês tenta apresentar esse processo de volta ao capitalismo como uma *via própria* ao socialismo. A verdade é que se estabeleceu um sistema que restabeleceu na China a *lei do valor*, a extração da mais-valia pela exploração e superexploração do trabalho assalariado e a formação de classes sociais essenciais para a existência de um capitalismo com características imperialistas.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Em apenas 40 anos, a China percorreu o caminho que outras potências mundiais percorreram durante 2 séculos. Hoje é a segunda economia mundial e, segundo a própria bolsa de valores dos EUA, possui condições de ultrapassá-la em 2035. Se o PIB for medido em relação à parcela do poder de compra, já é a primeira economia do mundo. Seu PIB per capita se multiplicou por 100 desde o início das reformas e, em 2022, ultrapassou os US\$ 12 mil. Tornou-se o principal parceiro comercial de mais de 50 países, a maioria dos estudantes estrangeiros do ensino superior são chineses, além de outros dados que confirmam o chamado *milagre chinês*.

Ao mesmo tempo, a desigualdade e a superexploração do trabalho cresceram. A popula-

ção está envelhecendo e pressionando o governo a aumentar o limite familiar de *2 para 3 filhos*, além de restringir o direito ao aborto. O país começa a passar pelas crises típicas do capitalismo, como mostrou a crise imobiliária neste ano. Desde a pandemia, a China não conseguiu recuperar seu antigo dinamismo e crescimento: em 2022, mal ultrapassou os 3% ao ano. Que tipo de sistema prevalece na China? Como foi possível o seu crescimento?

Existem várias perspectivas para esse debate. Diferentes formas de propriedade coexistem na China hoje: grande parte da economia está sob controle do Estado, mas a maior contribuição para o PIB é feita pelo setor de propriedade privada. Nas últimas décadas, a economia chinesa tornou-se mercantil com a prevalência da lei do valor, embora com forte interferência do planejamento estatal. Em 2007, a Assembleia Nacional aprovou a lei que reconhece a propriedade privada e a protege, da mesma forma que a propriedade pública.

A economista alemã Isabella Weber, em seu livro que analisa o fenômeno chinês², descreve os debates na burocracia sobre como abordar as reformas. De um processo gradual muito controlado a um choque no mercado, após o Massacre de Tiananmen o rumo pende para o controle estrito. Assim, o PC mantém uma intervenção direta de seus dirigentes nas diretorias das corporações privadas para controlar o cumprimento dos objetivos do governo. Essa fiscalização é política e complementar ao controle ditatorial sobre a classe trabalhadora, com o direito de greve proibido desde 1982. Mas, o planejamento burocrático de um capitalismo como o chinês não pode evitar a contradição fundamental do metabolismo capitalista: o embate permanente entre a necessidade de aumentar a produtividade do trabalho e o crescimento da rentabilidade do capital. A economia capitalista chinesa não escapa dessa contradição. É isso que impulsiona o objetivo de Xi Jinping: abrir o século chinês de dominação mundial.

O desenvolvimento acelerado que a China conquistou nas últimas décadas, avaliado como um *milagre* pelos analistas burgueses, não aconteceu acima da luta de classes. Em essência, foi produto da superexploração operária. O país era a fábrica do mundo porque, nas *Zonas Especiais*, oferecia às principais multina-

cionais, uma força de trabalho semi-escravizada, sem direitos sindicais, nem democráticos.

À medida que a indústria nacional crescia e se tornava mais técnica, a classe trabalhadora se segmentava e nascia uma classe média com um vasto mercado interno. Nos últimos 15 anos, os trabalhadores construíram fortes lutas e greves, principalmente salariais.

Há mais uma explicação para entender o rápido desenvolvimento da China: a *lei do desenvolvimento histórico desigual e combinado*, descoberta por Marx e aperfeiçoada por Trotsky, mostrando que os países atrasados não devem percorrer o mesmo caminho feitos pelos países de capitalismo avançados, podendo incorporar o último desenvolvimento e assim se beneficiar — por assim dizer — de seu atraso.

Para definir o que é a China, pode-se falar também em *capitalismo de Estado*, embora entendido em seu sentido clássico: uma economia capitalista gerida diretamente pelo Estado burguês ou com forte controle estatal.

Mas o uso desta categoria é sempre relativo ao tipo de Estado a que nos referimos. Lenin o usou para a URSS quando a crise econômica de 1922 obrigou o governo bolchevique a tomar algumas medidas capitalistas parciais: a chamada Nova Política Econômica – NEP (1922 a 1927). Mesmo assim, como quem detinha o poder e o controle político era o Estado operário revolucionário, Lenin entendia esse *capitalismo de Estado* como um recuo tático necessário na transição ao socialismo³.

A dinâmica da China hoje é completamente oposta à Rússia revolucionária de um século atrás: não está em direção ao socialismo, está em direção ao capitalismo e ao imperialismo. Embora boa parte da economia esteja nas mãos do Estado, e este exerça controle direto e indireto sobre o setor privado, sua matriz central é capitalista, seu caráter de classe é burguês e seu desenvolvimento é imperialista.

EXPANSÃO INTERNACIONAL

Os que criticam a ideia de que a China é uma potência imperialista, costumam apontar que lá não existem colônias, que a China não invade países nem promove golpes de estado. Mas devemos avaliar tudo, conforme a sistemática atual do capitalismo. As colônias são hoje um aspecto marginal dos principais imperialismos. O domí-

nio político das potências sobre os países semicoloniais deriva sobretudo da interferência econômica via investimento de capital, extração de recursos, acordos comerciais, empréstimos e seus resultados. A desigualdade militar entre potência e semicolônia desempenha um papel de permanente chantagem, intervenções e invasões como condição para definir um país como imperialista seria muito limitado atualmente. Deixaria potências como o Japão fora da definição e até a Alemanha, onde a participação em operações militares pela OTAN tem sido marginal desde a Segunda Guerra Mundial. Por sua vez, a interferência em processos políticos onde as potências têm investimentos não é mais alheio à China, como vimos recentemente em Mianmar e outros países.

A China não difere qualitativamente do imperialismo ocidental, por exemplo, nas relações com diferentes países semicoloniais. Em dezenas de países da África, América Latina e Ásia, já é a principal potência que saqueia recursos, explora mão de obra barata e concede empréstimos com as condições de ajustes públicos e comprometimento da soberania.

Há 15 anos, a China ultrapassou os EUA como o maior parceiro comercial da União Europeia, da África e da América do Sul. Com reservas de US\$ 3,8 trilhões, tornou-se o principal financiador dos países “em desenvolvimento”. O Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) foi fundado em 2014 como concorrente do FMI na Ásia, enquanto o Banco de Desenvolvimento da China já empresta mais do que o Banco Mundial. A expressão mais objetiva de como está o desenvolvimento capitalista da China é seu projeto de *Rota da Seda* (Belt and Road Initiative - BRI, em inglês).

ROTA DA SEDA

O “projeto do século”, anunciado por Xi Jinping em 2013, é um faraônico plano de investimentos em infraestrutura, portos, rodovias, ferrovias, gasodutos e oleodutos que já cobre mais de 150 países para reforçar a capacidade chinesa no comércio internacional.

A magnitude do projeto impressiona. Os países participantes representam 75% da população no mundo e mais da metade do PIB mundial. Segundo o governo chinês, suas empresas fizeram contratos vinculados à Rota da Seda (BRI) no valor de US\$ 305 bilhões, em 2014 criou um

fundo de US\$ 41 bilhões destinados para esses projetos. US\$ 105 bilhões de dólares do AIIB também serão investidos. Segundo autoridades chinesas, Pequim já investiu, ou está prestes a investir, mais de US\$ 400 bilhões em projetos da BRI nos próximos 5 anos, a maior parte em empréstimos. Em tentativa de comparação, o Plano Marshall, em valores atuais, investiu menos de US\$ 200 bilhões na reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial.

Na África, além de investir bilhões de dólares na extração de recursos naturais, a China instalou um capital industrial considerável. Estima-se que 12% da produção industrial africana esteja nas mãos de cerca de 10 mil empresas chinesas. Pequim financiou a construção ou renovação de mais de 6 mil km de ferrovias, entre outras obras de infraestrutura. Os planos da BRI incluem uma linha ferroviária com rota comercial de Dakar, localizado no Oceano Atlântico, ao Djibuti, na outra ponta do continente africano, com saída no Oceano Índico, onde a China instalou sua primeira base militar em 2022.

Até o momento, a expansão comercial e política da China acontece principalmente por acordos bilaterais e investimentos regionais. A BRI da China e seu projeto internacional desafia os EUA como potência mundial hegemônica ao articular uma rede comercial além das regiões e continentes.

Para as economias e os povos dos países participantes, a BRI tem consequências com elementos extrativistas e de interferência imperialista ocidental no mundo. Os projetos da BRI recebem financiamento majoritário de entidades chinesas, embora também recebam uma parcela significativa de investimento local, garantidos por empréstimos chineses com taxas de juros usurárias, resultando em enormes dívidas públicas. Além disso, esses projetos exigem o emprego de muita mão de obra chinesa e a assinatura de memorandos de parceria com governos locais, com cláusulas secretas que comprometem a soberania.

As subsidiárias da estatal chinesa CITIC financiarão 70% dos US\$ 7,3 bilhões para construir o porto planejado em Mianmar e operá-lo por 50 anos. Não há segurança de que a economia local consiga pagar a dívida dos 30% restantes, sobretudo desde a queda do governo que assinou o acordo com a China. Há o precedente de Hambantota, um porto que a China cons-

truiu no Sri Lanka ficando em mãos chinesas em 2017, depois que o governo do Sri Lanka não conseguiu pagar as dívidas contraídas na construção.

O Paquistão abriga o maior projeto individual da BRI: o Corredor Econômico China-Paquistão, que inclui oleodutos e uma ferrovia de alta velocidade de 700 km, com um orçamento total de US\$ 20 bilhões. A crise política que abalou o país há alguns anos tem como elemento central a disputa entre buscar empréstimos adicionais da China ou novos programas com o FMI.

Em 2018, a consultoria Center for Global Development publicou um estudo sobre oito países de alto risco com dívidas contraídas nos projetos da BRI. Uma autoestrada representa 1/4 do PIB de Montenegro, por exemplo. E uma ferrovia do Laos à China, iniciada em 2016, pode custar quase metade do PIB do Laos.

Tudo isso pressiona os países para mais ajustes e aumento da exploração dos povos onde os projetos da BRI são desenvolvidos.

Na América Latina, onde toda uma corrente de acadêmicos progressistas defende o suposto papel progressista, a China atua essencialmente da mesma forma que o imperialismo ianque: negocia contratos de extração de lítio e outros recursos, concede empréstimos com taxas mais altas que as do FMI e constrói bases científicas para potencial uso militar.

A relação da China com as dezenas de países semicoloniais, com investimentos de infraestrutura e extração de matérias-primas, com concessões de empréstimos, com acordos comerciais, é a mesma do imperialismo ocidental, com os mesmos mecanismos e objetivos comuns: a transferência líquida de riqueza e valor agregado das semicolônias para o poder dominante.

Embora a intervenção militar da China ainda não tenha sido um elemento significativo de sua expansão econômica e geopolítica, o Estado está determinado a desenvolver rapidamente sua capacidade militar, tanto para defender sua expansão contra o atual poder hegemônico dos EUA, como para impor seu domínio sobre outros países, à força, se necessário.

DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVA MILITAR

A expansão da China resultou no aumento da competição com os EUA, especialmente a partir

da crise econômica de 2008. O enfraquecimento global dos EUA e o encolhimento da mais-valia global contribuem para intensificar essa competição, gerando atritos e conflitos crescentes.

A China ainda está muito atrás dos EUA em capacidade militar geral e gastos militares totais. Esse elemento é frequentemente apontado na diferença qualitativa. Mas os avanços que a China fez e seus planos futuros pintam um quadro mais complexo.

O orçamento de defesa da China aumentou em média mais de 9% ao ano desde o final dos anos 1990. Em 2023, seu orçamento militar oficial é projetado em US\$ 224 bilhões, perdendo apenas para os EUA, que é 4 vezes maior.

É importante destacar que nem todos os gastos militares são iguais. No caso da China, é decisiva a transição de uma força armada predominantemente terrestre e defensiva para uma força

Porta-aviões chinês.



moderna projetada para o exterior. A marinha da China cresceu nas últimas duas décadas. De uma força costeira insignificante para uma força moderna e autoproduzida, capaz de missões fora de casa. Com cerca de 340 navios de combate, incluindo porta-aviões, submarinos, fragatas e contratorpedeiros. Esse número deve chegar a 400 em 2025 e 440 em 2030, segundo o Pentágono.

A Marinha dos EUA, em comparação, tinha uma força de batalha de 296 navios em abril (metade do pico da *Guerra Fria*) e cairia para 290 no final desta década. Além disso, enquanto a China concentra seu desenvolvimento militar em Taiwan, os EUA devem manter uma presença global.

Uma das vantagens da China é sua grande indústria de construção naval, a maior do mundo, responsável por 44% dos navios comerciais produzidos globalmente em 2021. Uma única empresa estatal, a China State Shipbuilding Corporation, respondeu por mais de 1/5 de pedidos

naquele ano, também produzindo a maioria dos navios para a marinha chinesa, muitas vezes nos mesmos estaleiros que os navios comerciais. Combinar a produção dessa maneira ajuda a sustentar os estaleiros em períodos de recessão e a aplicar tecnologia civil e técnicas de produção em massa à construção naval. Enquanto isso, os construtores navais dos EUA se concentram quase exclusivamente em contratos de defesa, dificultando o aumento da produção ou a manutenção de um suprimento estável de trabalhadores qualificados.

A China também vem reforçando seu arsenal e capacidade nuclear, até certo ponto em acordos com a Rússia, que possui o segundo maior arsenal nuclear do mundo e venceu os EUA na corrida para desenvolver, com a colaboração chinesa, um míssil hipersônico de precisão em 2021.

Embora a China permaneça muito atrás dos



Praça Tiananmen, 1989.

EUA em poder militar, tenta reduzir essa diferença da maneira mais rápida e precisa possível. Mesmo que hoje não seja do interesse da China nem dos EUA chegar a um confronto direto de alcance global, nenhuma mudança na hegemonia mundial aconteceu sem uma guerra mundial. A China acaba acelerando a preparação para esse possível acontecimento.

DEBATENDO UMA DEFINIÇÃO

O economista argentino Claudio Katz desenvolveu, a partir da esquerda, a defesa de que seria equivocado definir a China como uma potência imperialista. Katz argumenta não ser correto a referência nas características do imperialismo desenvolvida por Lenin em sua obra clássica *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, pois seriam anacrônicas e não descreveriam a realidade atual. “O apego dogmático a esse livro leva a uma busca

forçada de semelhanças entre o atual conflito entre os EUA e a China com os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial”.⁴

Isso pode até ser verdade. Mas Katz então toma uma dessas características, o aspecto militar, como condição absoluta para definir uma potência como imperialista ou não. Afirma que a China não pode ser considerada uma potência imperialista porque “a expansão econômica se consumou, até agora, sem disparar um único tiro fora de suas fronteiras [...] Não compartilha da compulsão de conquista territorial que faz parte do capitalismo alemão ou japonês”.

A verdade é que Lenin entendia o imperialismo como um *sistema global*, como uma etapa do capitalismo caracterizada pela fusão do capital industrial com o financeiro, a concentração monopolista, a exportação de capitais e a divisão do mundo pelos principais capitalistas apoiados por seus Estados. Mas Lenin apontou essas características como uma descrição empírica do imperialismo naquele momento específico e não como pré-requisitos a serem preenchidos para considerar uma potência ser imperialista ou não.

Katz tem razão ao dizer que Lenin “não pretendia elaborar um guia classificatório do imperialismo, baseado na maturidade capitalista de cada potência”. Mas, Lenin destacou que a concentração de riqueza crescente e de extrema desigualdade no capitalismo gera Estados dominantes e Estados dominados, classificando assim diferentes potências imperialistas em certa hierarquia de relações de dependência, considerando que as grandes potências da época não eram equitativas. Naquela época, estava olhando para a seguinte escala: “1) Três forças principais completamente independentes: Grã-Bretanha, Alemanha e EUA; 2) Uma Segunda linha: França, Rússia e Japão; 3) Itália, Áustria-Hungria”.⁵

Naquela época, grande parte do mundo era governado por regimes coloniais diretos e quase sempre apoiados por ocupação militar. Pela lógica, o aspecto militar foi decisivo. Hoje, a vertente militar está sempre presente, embora mais frequentemente em segundo plano. Os instrumentos econômicos predominam, mas os mecanismos e relações de poder e dependência são os mesmos. De fato, todos os elementos que definem o imperialismo como sistema mundial, uma etapa do capitalismo em declínio, se aprofundaram.

Sem dúvida, a potência imperialista hegemônica no mundo, a única “*força principal (totalmente independente)*”, segundo Lenin, é os EUA. Até mesmo o imperialismo europeu tem um alto grau de dependência dos EUA. Há também países, como a Rússia, que desempenham uma política imperialista em sua região. Outros, como Brasil, Índia ou África do Sul, desempenham um papel semelhante, em menor escala, em suas regiões. Podem ser consideradas potências *subimperialistas*.

A China vinha desempenhando um papel semelhante em escala regional há muito tempo, mas já ultrapassou essa etapa e está assumindo uma política global, competindo em todas as frentes e entrando em conflito com a hegemonia dos Estados Unidos. Essa ausência de “compulsão para conquistar”, apontada por Katz, é questionável, levando em conta a brutal repressão chinesa em Hong Kong nos últimos anos para impor seu domínio e a intenção expressa de tomar Taiwan à força quando assim decidirem.

É verdade que a China mantém alguma dependência econômica dos EUA e ainda há um nível de transferência de mais-valia de um para o outro. Mas não visualizamos nenhum elemento que nos permita afirmar que a China é uma semicolônia estadunidense. Por sua vez, é um fato que a transferência de riquezas de dezenas de semicolônias para a China é astronômica e a dependência econômica é profunda. Esta situação desenvolveu-se de forma relativamente rápida nas últimas décadas e o seu aspecto militar não fica muito aquém.

A China ainda não é uma potência semelhante aos EUA, mas já deixou para trás potências regionais como a Rússia, a Índia ou o Brasil e supera em muito as potências imperialistas na Europa ou o Japão. Pela sua localização no sistema capitalista mundial, sua estratégia e dinâmica, a China é hoje uma potência imperialista de segundo escalão, ainda atrás dos EUA, diga-se de passagem, mas em ascensão e com dinâmica para o disputar a hegemonia mundial.

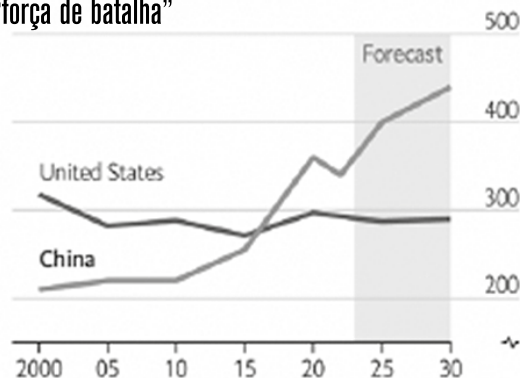
Esta definição não é um exercício acadêmico. Para os revolucionários, é fundamental situar-se corretamente na luta de classes mundial frente aos conflitos pela crescente tensão interimperialista e, principalmente, uma possível guerra mundial. A burguesia e o Estado chineses não representam uma alternativa progressista ao imperialismo ocidental: também são inimigos da

ACUMULAÇÃO COM UM OBJETIVO

Gastos militares em bilhões de dólares, preços de 2021.



Número total de navios de guerra de “força de batalha”



Fontes: SIPRI; Serviço de Pesquisa do Congresso; Departamento de Defesa; Escritório de Inteligência Naval.

classe trabalhadora mundial e a revolução mundial tem, entre as tarefas, derrotá-lo, assim como suas contrapartes ocidentais. 🇺🇸

1. Programa de aceleração do crescimento da China, implementado por Mao Zedong e o PC Chinês no período de 1958 e 1962.
2. Isabella M. Weber. *Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado*. 2023: Boitempo Editorial.
3. “Não há nada de terrível nisso para o poder soviético, porque o Estado soviético é um Estado onde o poder dos trabalhadores e dos pobres está assegurado”. Lenin. *Sobre o Imposto em Espécie*. 1921. Em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1921/04/21.htm>
4. Claudio Katz. *China: distante do imperialismo e do Sul global*. 2021. Em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/china-distante-do-imperialismo-e-do-sul-global/>
5. Lenin. *Cuadernos sobre el imperialismo*. 1915-1916. Obras Completas, Tomo XLIII. Em: <https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/oc/akal/lenin-oc-tomo-43.pdf>



500 DIAS de guerra na Ucrânia

POR RUBÉN TZANOFF

A invasão russa significa devastação e morte. A guerra passou por diferentes momentos, o atual, é de contraofensiva ucraniana. Há mudanças no estado de ânimo das massas e nos regimes do Kremlin e de Kiev. O imperialismo ocidental continua apoiando Zelensky, mesmo mantendo contato com a Rússia sem a Ucrânia. Nós, socialistas revolucionários, adotamos uma política principista.

As consequências da guerra são sentidas em todo o mundo, mas a Ucrânia é quem sofre os maiores prejuízos. O exército de Putin destruiu ou danificou mais de 1/3 das instalações energéticas, várias centrais nucleares, dezenas de centrais térmicas, 150 mil edifícios e casas, 2 mil escolas, 25 mil km de estradas e 7 mil km de linhas ferroviárias.

Segundo diferentes fontes, cerca de 25 mil civis ucranianos foram mortos nos primeiros meses de 2023 e 8,2 milhões de refugiados saíram do país. Não são conhecidos os números

exatos de soldados mortos de ambos os exércitos, visto que os números não são oficiais ou são distorcidos para fins propagandísticos. Mas, em todas as estimativas, as perdas humanas são de uma magnitude dramática.

DISTINTOS MOMENTOS DA GUERRA

O primeiro momento da “operação especial” caracterizou-se pelo avanço das tropas russas sobre Kiev, com a intenção de tomar a capital e derrubar Zelensky com um triunfo relâmpago, foi um fracasso. Os invasores encontraram uma resistência de Defesa Territorial reforçada pela participação popular.

Apesar disso, o exército russo conquistou grandes áreas no sul e no leste do país. Foram travadas batalhas ferozes em algumas cidades, como Mariupol e Bakhmut. As forças ucranianas recapturaram alguns locais, como Bucha, encontrando diversos crimes cometidos contra a humanidade.

Também registaram-se focos de tensão generalizada pelas afirmações de Putin sobre a possibilidade de existência de armas nucleares táticas e de operações militares nas zonas das centrais nucleares de Chernobyl e Zaporíyia e na central hidroelétrica de Kakhovka.

Não foram poucas as tentativas de mediação infrutíferas, como as do Presidente chinês Xi Jinping e do seu parceiro turco Erdogan, que procuraram um cessar-fogo com a Rússia, mantendo as zonas ocupadas. Os contatos entre a Ucrânia e a Rússia limitaram-se à troca de prisioneiros e à autorização de exportação de cereais via Mar Negro. Desde o final do verão de 2022 até hoje, a chamada contraofensiva ucraniana chama a atenção.

QUAL É O RESULTADO PARCIAL DA CONTRAOFENSIVA?

A avaliação da operação militar é objeto de várias perspectivas. As tropas ucranianas conseguiram libertar mais de 20 pequenas aldeias, o que é um progresso. Mas é um resultado bastante modesto, comparado com as expectativas de uma rápida recuperação da Crimeia e de outros territórios ocupados. Além disso, tem um custo elevado em soldados perdidos.

Há ucranianos que se sentem desiludidos e mesmo enganados. Mesmo assim, a maioria dos trabalhadores e do povo permanece firme no objetivo de libertar o país sem se sentar para negociar com a Rússia, sob qualquer hipótese.

As tropas ucranianas se aproximam lentamente de três linhas defensivas construídas sob as ordens do antigo comandante Sergey Surovikin, nas regiões leste e sul. Os combates prosseguem na primeira linha defensiva, a caminho da segunda, sendo fortificada. Segundo diferentes fontes em Kiev, a contraofensiva será reforçada com 12 a 15 brigadas especialmente armadas e treinadas. Mas, o Exército exige caças F-16, mísseis ATACMS e as contestadas bombas de fragmentação para compensar a falta de munições nas operações.

Os generais ucranianos continuam a afirmar que a contraofensiva será bem sucedida, embora se estenda além do que foi inicialmente previsto.

A situação militar parece refletir um relativo impasse em que nenhum dos lados é capaz de derrotar estrategicamente o adversário, pelo menos, a curto prazo e com armas convencionais. Nestas circunstâncias, traçar um plano, é cair na margem de erro. O certo é que, enquanto a resistência prosseguir, a possibilidade de expulsar os invasores existe.

QUEM SE BENEFICIA financeiramente com a guerra?

A crise da economia capitalista e a guerra têm graves consequências no mundo. Porém, nem todos sofrem igualmente. Enquanto trabalhadores e os povos ficam mais pobres, outros ampliam seus lucros. De 2021 a 2022, três setores das empresas capitalistas foram brindados com vários benefícios: fabricantes de armas, empresas de energia e bancos.

Entre as empresas de armas norte-americanas, a Lockheed Martin aumentou sua receita em 7,1%, a Northrop Grumman, em 11,2% e a Raytheon, em 18%. No setor de energia, os lucros ultrapassaram US\$ 250 bilhões. Os principais bancos da Europa aumentaram seus lucros a níveis recordes com ajuda da inflação. Entre os países beneficiados, os Estados Unidos aumentaram em 49,1% as receitas com a venda de armas e gás. A China e a Índia lucram comprando petróleo e gás russos mais baratos por não estarem mais sendo exportados para o Ocidente. A Rússia continua vendendo armas para a Ásia e aumentou seu comércio com a China em 31%. A Noruega registrou US\$ 114 bilhões em vendas de petróleo e gás. A Coreia do Sul assinou acordos de venda de armas com a Polônia, Estônia e a Noruega. O Catar registrou seu maior superávit em 8 anos, com o aumento dos preços da energia.

A guerra resulta em dificuldades para muitos e ganhos para poucos, revelando a desigualdade que prevalece com o capitalismo imperialista mundial. 🐘

UMA ENCRUZILHADA ENTRE ZELENSKY E O IMPERIALISMO OCIDENTAL

A cúpula da OTAN, reunida na Lituânia entre 11 e 12 de julho, expôs as contradições entre os interesses dos imperialistas ocidentais e o regime de Zelensky. Anteriormente, apenas alguns subordinados ucranianos expressavam insatisfação com a OTAN, com os EUA e com a União Europeia, por não entregarem as armas prometidas quando a contraofensiva foi iniciada. Desta vez, o descontentamento foi expresso pelo próprio presidente ucraniano.

Em resposta ao pedido de Zelensky de aderir à OTAN, Biden deixou claro que a admissão não será possível até o fim da guerra. Para os imperialistas, a guerra é da Ucrânia e,

no máximo, fornecerão armas do exterior. Os acordos bilaterais com os países da OTAN com “garantias de segurança” não incluem a participação das suas tropas. A política de Zelensky de adesão à OTAN é um fracasso completo, sem sentido. A avaliação que os ucranianos fazem sobre a aliança é ainda mais negativa.

Vários meios de comunicação norte-americana e alemães justificam a redução no fornecimento de armas com o alto nível de corrupção na administração Zelensky, especialmente no Ministério da Defesa. Há alguns dias, a publicação pró-ianque *Zerkalo Nedeli* anunciou que, nos primeiros meses da guerra, o Ministério da Defesa recebeu milhões e mais milhões de dólares dos EUA e desviou-os para contas *offshore*.

Outro ponto que gera atrito nas relações, é o fornecimento militar dos EUA com a condição de não serem utilizados na Federação Russa. No entanto, parte deste arsenal é entregue a formações que operam a serviço do exército ucraniano nas fronteiras internas da Rússia.

PUTIN JÁ NÃO PARECE UM TODO-PODEROSO

A institucionalidade dos países beligerantes mudou. Putin, que se apresentava como um líder temido e sustentado por um regime ileso, viu sua imagem de todo-poderoso trincar após o motim militar dos mercenários Wagner PMC, liderados por Prigozhin, longe de ser algo progressista.

Pela primeira vez, Putin foi visto como um político aterrorizado por um possível ataque

interno e por perder o controle sobre o país. Nas massas, crescem as dúvidas sobre a veracidade das informações fornecidas pelas autoridades. Nos meios de comunicação russos livres, nas redes sociais e nos canais do Telegram, há uma tendência em exigir informações verdadeiras sobre as perdas em combate, sobre a situação política e as perspectivas da “operação especial”.

Essa mudança de humor chegou aos canais públicos controlados pelo Estado. Os propagandistas russos foram obrigados a explicar os motivos a respeito da ausência de progressos qualitativos na invasão, apresentando como argumento: “*estamos combatendo a OTAN e seus países membros, não o exército ucraniano*”, ou “*queremos a paz através de negociações, mas é impossível chegar a acordo com as negativas da Ucrânia*”. Revela-se uma verdade encoberta anteriormente pela propaganda militarista e chauvinista. As fraquezas do regime de Putin foram expostas e é provável que evoluam. A chave está em a classe trabalhadora russa assumir o papel central, mobilizada com o povo, para derrotar as ambições imperialistas de Putin.

PROBLEMAS SOCIAIS E CRÍTICAS AO GOVERNO DE ZELENSKY

A vontade dos ucranianos em resistir e não se sentar para negociar com a Rússia, sob nenhuma hipótese, persiste entre a maioria da população. Ao mesmo tempo, as críticas ao governo Zelensky aumentam. Há várias razões

Mobilização salarial de enfermeiras na cidade de Kryvyi Rih, desafiando a proibição de manifestações imposta pelo governo. Parte do descontentamento crescente da classe trabalhadora ucraniana.



para isso, incluindo os discursos improvisados e caóticos dos funcionários do governo, a concentração de poder e a aprovação de leis antioperárias, que favorecem os lucros patronais. A insatisfação é também alimentada pelo aumento da desigualdade e a perda de empregos e rendimentos entre pessoas de 18 e 60 anos.

NOVA MOBILIZAÇÃO NA UCRÂNIA?

De acordo com alguns especialistas militares, a Ucrânia precisa de um adicional de 200 mil soldados. Não é por acaso que, nessa situação, as autoridades apelam cada vez mais ao “*espírito nacional-patriótico*” da população. Se o serviço militar obrigatório for efetuado, a maioria dos convocados não terá a mesma convicção para o combate e para o treino que os dos primeiros dias da guerra, visto que, grande parcela tem entre 50 e 60 anos. Em vários casos, o alistamento é forçado, o que não contribui na motivação para as operações militares. A população vive numa injustiça flagrante quando milhões de pessoas comuns são impedidas de atravessar a fronteira e alguns privilegiados têm liberdade de fazer o que desejarem.

OS EUA SE PREPARAM PARA NEGOCIAR COM A RÚSSIA?

Segundo Zelensky, a Rússia tem a intenção de recuperar todos os territórios, hoje ucranianos, para restabelecer as fronteiras de 1991. É possível que dobre a aposta como pressão para negociar sob melhores condições. Nas últimas semanas, houve contatos secretos entre operadores norte-americanos e russos de diferentes setores. Do que se trata? Estarão os EUA preparando o terreno para negociar com a Rússia ou estão mantendo os canais abertos de diálogo para futuros acordos?

A maioria dos analistas ucranianos acredita que os EUA fornecem armas suficientes para os militares resistirem à agressão de Putin, mas sem permitir que o país alcance uma vitória completa sobre a Rússia. Os EUA desejam ser moderadores do conflito sob seus próprios interesses. O imperialismo ocidental receia que o regime russo, com armas nucleares, conduza a um colapso total, se torne mais instável, imprevisível e ative uma revolta de massas da classe trabalhadora. É por isso que, por enquanto,

O governo antioperário de ZELENSKY

Desde que chegou ao governo, Zelensky aplicou desregulamentações trabalhistas sugeridas pelo FMI e consultores, todas rejeitadas pelos sindicatos. A orientação neoliberal se consolidou após a invasão russa, que serviu de justificativa para reformas regressivas, proibição de mobilizações, greves e liberdade de expressão. O Parlamento aprovou e Zelensky promulgou a Lei 5.371 que exclui do Código do Trabalho, trabalhadores de empresas com menos de 250 funcionários, privando-os de acordos coletivos e transfere as normas trabalhistas a contratos individuais onde os empregadores ficam livres para rescisão.

Numa situação de guerra, desemprego, baixos salários e frágeis amparos sociais, a lei aprovada obriga os trabalhadores a aceitarem as piores condições de trabalho. A liquidação das conquistas tem como objetivo, criar melhores condições para as corporações exploradoras embolsarem grandes lucros com a reconstrução do país, projetada pela UE e pelos EUA.

Nossa organização apoia a resistência com uma política independente do governo e do imperialismo. Participamos da Rede Europeia de Solidariedade com a Ucrânia na Catalunha. A LIS realizou várias campanhas internacionais, dentre estas, uma arrecadação financeira para o Sindicato Independente de Proteção do Trabalho (Zahyst Pratsi) e a visita de uma delegação a Kiev, Bucha e Irpin, em apoio aos nossos camaradas da Liga Socialista Ucraniana. ✊



Alejandro Bodart em Irpin, Ucrânia

LSU na Ucrânia



consideram perigoso cruzar certas “linhas vermelhas” contra Putin.

A LIBERTAÇÃO DA UCRÂNIA É UMA CAUSA JUSTA

A guerra combina dois aspectos: a invasão da grande potência russa sobre a semicolônia Ucrânia e as tensões interimperialistas. A dupla natureza da guerra mostra o equívoco em ignorar ou menosprezar um aspecto em detrimento do outro.

Os nossos camaradas da Liga Socialista Ucraniana (LSU) são membros da linha de frente da resistência, mas defendendo a política principista da LIS: fora tropas russas da Ucrânia, apoio à resistência; o povo ucraniano tem o direito de defesa com todos os meios à sua disposição; fora OTAN do leste europeu; dissolução da OTAN e da OTSC¹; autodeterminação da Crimeia, Donetsk e Lugansk sem a presença da ocupação russa.

Defendemos uma política revolucionária, independente do governo de Zelensky e dos imperialismos em disputa. Queremos uma paz justa, sem anexações ou pactos sobre as costas do povo ucraniano. Somos solidários aos nossos irmãos e irmãs de classe russos e belarusos que rechaçam a invasão. Convocamos os trabalhadores e aos povos do mundo a se mo-

bilizarem pela causa ucraniana e impedir que as disputas interimperialistas conduzam a uma nova guerra mundial.

Até o momento, o imperialismo ianque apoia a Ucrânia com armas e logística, mas sem intervenção de tropas ou fornecimento de arsenal estratégico. Se o conflito evoluir para uma guerra mundial, com tropas de diferentes países em combate, a política dos revolucionários será pela derrota de ambos os lados imperialistas e dos governos a seu serviço.

Para impedir que a humanidade caia na barbárie, é necessário derrotar o domínio do capitalismo imperialista e, construir um mundo sem fronteiras, sem exploradores e explorados, sem opressores nem oprimidos só possível se os trabalhadores governarem com um sistema socialista e plenas liberdades democráticas. ✊

1. Organização do Tratado de Segurança Coletiva, uma aliança militar de seis Estados liderada pela Rússia.



Confira mais destaques.



Confira os relatos dos refugiados ucranianos

Que plano de RECONSTRUÇÃO será necessário?

Segundo estimativas ucranianas, são necessários 750 bilhões de dólares para a reconstrução do país. É por isso que a presidente da Comissão Europeia, Úrsula Von Der Leyen, e o chanceler alemão, Olaf Scholz, defenderam a necessidade de um “Plano Marshall para o século XXI”¹. Líderes estadunidenses já defenderam o mesmo argumento.

Não é uma preocupação humanitária do imperialismo ocidental, mas um plano de lucros e influência política. Se os investimentos se concretizarem, chegarão na Ucrânia “recomendações” para reformas trabalhistas, pacotes de austeridade e pagamentos da dívida externa. Trata-se de políticas que exigem sempre da cumplicidade local e, se impostas, con-

denariam a classe trabalhadora à décadas de sacrifícios.

Hoje, a principal tarefa é expulsar os invasores russos e impedir a destruição da Ucrânia. Quando chegar a hora da reconstrução, será fundamental que não esteja condicionada por critérios especulativos dos abutres financeiros, exploradores internacionais, oligarcas locais e funcionários corruptos. Devem ser os trabalhadores que definam democraticamente o destino dos fundos de ajuda, controlem o projeto e a execução dos planos de reconstrução. ✊

1. Conferência Internacional de Especialistas em Recuperação, Reconstrução e Modernização da Ucrânia. Berlim, outubro de 2022.

Notas sobre as GUERRAS IMPERIALISTAS E O “PACIFISMO”

POR OLEG VERNYK, PRESIDENTE DO SINDICATO INDEPENDENTE DA UCRÂNIA (ZAHIST PRATSI)¹
LIGA SOCIALISTA UCRANIANA.

A agressão russa contra a Ucrânia, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, atualizou uma série de questões problemáticas na teoria marxista, bem como a aplicação de questões básicas que aparentemente pareciam evidentes para todos os marxistas. Existem organizações que reivindicam Leon Trotsky, a Quarta Internacional e analisam a natureza da guerra russo-ucraniana de formas diametralmente opostas. Ao mesmo tempo, existem organizações que não seguem esta tradição, mas assumiram posições políticas muito próximas do marxismo revolucionário.

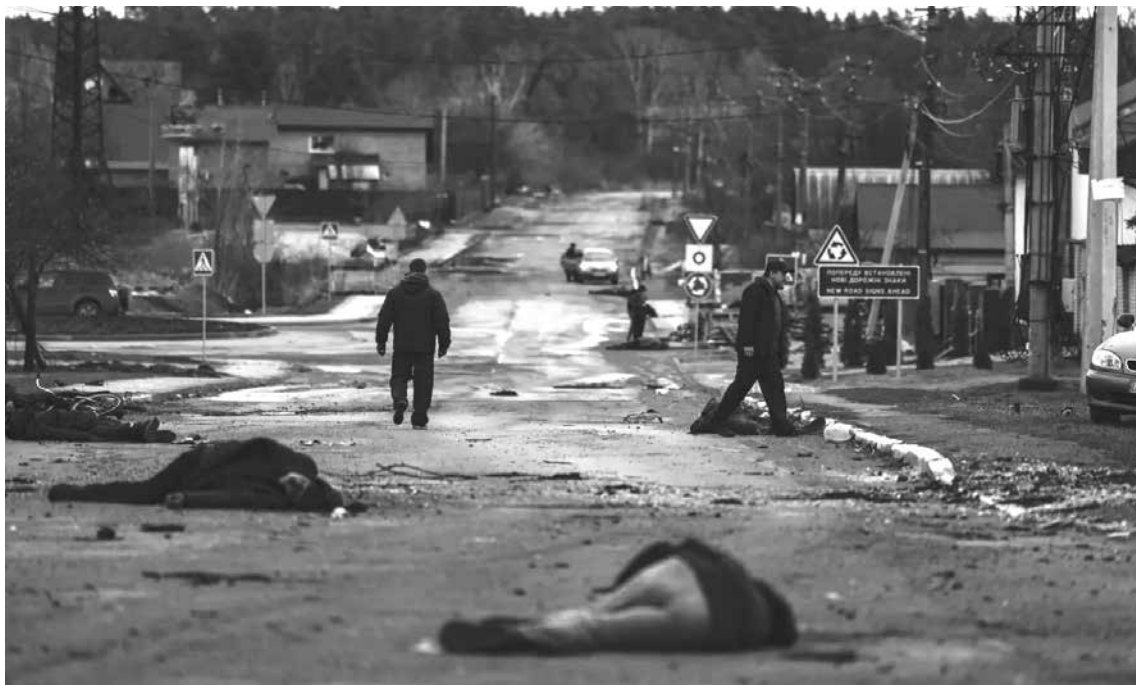
Em certo nível dos debates, para obter um resultado positivo, é necessário retornar às categorias básicas do marxismo do século XX. Que fique bem definido sobre nossa atitude a esses conceitos, muitas vezes especulativos, mas que são utilizados pelos partidários da agressão imperialista para disfarçar a sua passagem para o campo da burguesia imperialista e justificar as novas agressões coloniais do século XXI.

Às vezes é muito difícil cortar os espinhos da

retórica “anti-imperialista” e descobrir o que há por trás do apoio às agressões imperialistas. Sob a atraente retórica do pacifismo, não é menos difícil revelar os interesses de um ou outro imperialismo. É ainda mais complexo revelar, entre os rosnados ensurdecidos sobre o *derrotismo revolucionário*, o verdadeiro trabalho dos agentes imperialistas no movimento operário. Mas faremos isso aqui porque só a verdade é revolucionária, pode apontar os erros do passado e guiar corretamente ao futuro.

AS GUERRAS IMPERIALISTAS

Um dos elementos-chave dos debates contemporâneos é a categoria das *guerras imperialistas* e o problema de convergir a ação das organizações marxistas a esta. Já no início do século XX, Lenin escreveu que “*é costume na literatura chamar qualquer guerra conquistadora de imperialista*”. Também escreveu que “*guerras imperialistas [...] também foram alicerçadas na escravidão (a guerra entre Roma e Cartago foi uma guerra imperialista de ambos os*



Matança de civis em Bucha

lados), na Idade Média, e na era do capitalismo comercial”. O desejo de tomar terras estrangeiras por meios militares ocorreu ao longo de todos os séculos da sociedade de classes. “Tanto a luta pelas colônias (pelos ‘novos países’) quanto a luta pela ‘territórios dos países mais fracos’, tudo isso existia antes do imperialismo. O que é característico do imperialismo moderno é outra coisa: no princípio do século XX, o planeta terra era repartido por um ou outro Estado. Essa é a única razão onde a repartição do ‘domínio sobre o mundo’, com base no capitalismo, só poderia ocorrer através de uma guerra mundial”.

Tanto na referência à história (Roma contra Cartago) como na análise do imperialismo contemporâneo, ao aplicar a categoria de guerra imperialista, Lenin utiliza a ideia da necessidade de pelo menos dois rivais e concorrentes imperialistas relativamente iguais e poderosos. “Qualquer guerra em que ambos os beligerantes oprimem países ou povos estrangeiros [...] deve ser chamada de imperialista” (Lenin)¹.

Ao mesmo tempo, Lenin também usa a categoria de *guerra imperialista* em vários escritos para descrever as guerras coloniais onde apenas um dos beligerantes é imperialista. Em outras palavras, com as características básicas que permitem identificar o capitalismo em *fase imperialista*, como estágio superior e último do desenvolvimento, seu limite absoluto, às vésperas de uma revolução socialista.

O segundo participante da guerra imperialista também pode ser um Estado débil, dependente,

atrasado e semicolonial, vítima da agressão imperialista. Lenin citou a guerra agressiva e predatória do Japão contra a China (1894–1895) como uma óbvia guerra imperialista da modernidade, onde o Japão atuou como um Estado imperialista agressor, e a China, atrasada, economicamente débil e dependente, foi vítima da agressão. Lenin também identificou a Guerra Hispano-Americana de 1898 e a Guerra Anglo-Boer de 1899–1902 como *guerras imperialistas*.

Evidentemente, a posição política dos marxistas da era Lenin era completamente diferente(!) em relação às *guerras interimperialistas*, onde duas potências imperialistas estão diretamente envolvidas, das *guerras imperialistas* onde temos apenas uma potência invadindo um Estado dependente.

Seria muito mais fácil, profundo e eficiente para nós analisarmos os problemas das guerras imperialistas se nossos clássicos fizessem uma divisão milimétrica das definições entre esses dois tipos de *guerras imperialistas*. Por exemplo, ao definir o primeiro tipo de guerra, onde entram os interesses de dois predadores imperialistas, uma *guerra interimperialista*, diferente das *guerras imperialistas* agressivas habituais onde participa uma única potência. Infelizmente, a necessidade de separar objetivamente essas definições não chamaram a atenção dos clássicos do marxismo, permitindo que muitas forças pseudomarxistas manipulem essa categoria, enganando os trabalhadores sobre uma posição política correta.

Os marxistas com influência leninista do início do século XX separaram muito bem suas atitudes

Mulheres ucranianas recebem instrução militar.



em relação a esses dois tipos de *guerras imperialistas*. No embate entre dois ou mais predadores imperialistas, a Guarda Bolchevique-Leninista assumiu uma posição clara e inequívoca de *derrotismo revolucionário*, ou seja, clamando pela derrota de cada imperialismo participante do massacre. É esta tática, na opinião da ala leninista da Esquerda de Zimmerwald, que contribui mais diretamente para a eclosão do processo revolucionário mundial.

Leon Trotsky, em seu escrito *Lenin e a guerra imperialista*, destaca a premissa metodológica fundamental da posição marxista sobre o tipo de guerra imperialista (a interimperialista): “o primeiro problema desde o início das hostilidades em agosto de 1914, era se os socialistas dos países imperialistas deveriam assumir a ‘defesa da pátria’”. A resposta de Lenin e Trotsky era óbvia: em uma situação de enfrentamento entre predadores imperialistas, a única palavra de ordem correta do marxismo revolucionário seria a da derrota de todos os governos imperialistas que participaram do massacre.

Já sobre as *guerras imperialistas* onde há apenas um imperialismo atacando um Estado dependente, a posição de nossos clássicos é diametralmente oposta. Tradicionalmente, Lenin e Trotsky acrescentaram as categorias de *guerra de libertação nacional*, de *guerra revolucionária*, *guerra democrática* e *guerra justa* à definição de *guerra imperialista*, insuficiente para a análise específica. A palavra de ordem fundamental em uma guerra nessa situação era completamente diferente: pela derrota do imperialismo.

“A defesa da pátria é uma mentira em uma guerra imperialista, mas não é uma mentira em uma guerra democrática e revolucionária. Falar de ‘direitos’ parece ridículo durante uma guerra, porque toda guerra evidencia a violência direta e imediata sobre os direitos, mas não devemos esquecer que na história já ocorreu, e provavelmente continuará, guerras (guerras democráticas e revolucionárias) que, substituindo o ‘direito’ no período do conflito, qualquer democracia pela violência, serviram em seu conteúdo social, conseqüentemente, à causa da democracia e do socialismo”. (Lenin, nosso sublinhado).

“Uma guerra contra os imperialistas, isto é, potências opressoras, feita pelos oprimidos (por exemplo, povos coloniais) é uma verdadeira guerra nacional. [...] A ‘defesa da pátria’ por um país nacionalmente oprimido contra um opressor não é uma farsa, e os socialistas não se opõem de forma alguma à ‘defesa da pátria’ em tal guerra” (Lenin).

BASTA DE PERSEGUIÇÕES na Rússia



Assim que Putin iniciou a invasão à Ucrânia, mobilizações na Rússia contra a guerra foram duramente reprimidas e seguidas por centenas de prisões. Com um estado policial e um gigante aparato de propaganda, Putin se esforça em impedir o surgimento de um movimento organizado na Rússia com a bandeira de Não à guerra. Para evitar, persegue organizações de esquerda, grupos feministas, LGBTs, grupos ambientais, dirigentes, ativistas políticos e sindicais, jornalistas, personalidades acadêmicas, artísticas e culturais críticas ao seu regime.

Apenas a título de exemplo, em 2020, Aleksei Navalni, figura da oposição neoliberal, foi hospitalizado em estado grave por envenenamento e se encontra preso com uma condenação de 30 anos. O sociólogo marxista russo, Boris Kagarlitsky, também foi preso sob a acusação de “justificar o terrorismo”. Embora Kagarlitsky tenha apoiado a anexação da Crimeia e as operações militares russas em Donbass em 2014-15, o verdadeiro motivo da prisão é sua manifestação pública contra a atual invasão e contra o regime de Putin.

A LIS repudia o regime ditatorial de Putin, exige o fim da repressão, a libertação de todos os presos políticos e a anulação dos julgamentos forjados que resultaram em anos de prisão. Apoiamos as demandas democráticas e sociais da classe trabalhadora e do povo russo, além das ações de boicote à invasão e de solidariedade ativa com o povo ucraniano. ✊

“A Guerra da Índia, Pérsia, China, etc. contra a Inglaterra ou a Rússia? Não iríamos com a Índia contra a Inglaterra, etc.” (Lenin).

Possivelmente foi Leon Trotsky quem formulou essas ideias de forma mais objetiva e com profundidade em seu documento de 1938, *A agonia mortal do Capitalismo e as tarefas da Quarta Internacional (O Programa de Transição)*:

“A burguesia imperialista domina o mundo. É por isso que a próxima guerra, no que tem de fundamental, será uma guerra imperialista. O conteúdo decisivo da política do proletariado internacional será, conseqüentemente, a luta contra o imperialismo e sua guerra. O princípio básico desta luta será: ‘o inimigo principal está em nosso próprio país’ ou ‘a derrota de nosso próprio governo (imperialista) é o mal menor’”.

“Mas nem todos os países do mundo são imperialistas. Ao contrário; a maioria dos países são vítimas do imperialismo. Certos países coloniais ou semicoloniais tentarão, indubitavelmente, usar a guerra para se livrar do jugo da escravidão. No que lhes concerne, a guerra não será imperialista, mas emancipadora. O dever do proletariado internacional será ajudar os países oprimidos em guerra contra seus opressores. Este mesmo dever estende-se também à URSS ou a outro Estado operário que possa surgir antes da guerra ou durante. A derrota de todo governo imperialista na luta contra um Estado operário ou um país colonial é o mal menor”.

Ao analisar os dois tipos diferentes de guerras

imperialistas, e as políticas distintas, é mais fácil detectar as mentiras e falsificações (conscientes ou inconscientes) da agenda política pseudomarxista. A falsificação e a mentira reside no fato de que o *derrotismo revolucionário*, aplicável e justificado nas guerras interimperialistas, do primeiro tipo, é aplicada às guerras *imperialistas* do segundo tipo.

Organizações quase-trotskistas (ICFI, SEP, IMT, PO e seitas semelhantes) reproduzem a narrativa de imperialismo russo e justificam a agressão contra a Ucrânia não imperialista, débil e dependente, disfarçando-se com uma metodologia marxista que se aplica a um tipo de completamente, a *guerra interimperialista*.

Um erro metodológico? Ou, em alguns casos, um engano deliberado financiado pelo imperialismo russo? A questão ainda está em aberto. Na situação do século XXI, não só na Ucrânia, mas em quase todas as regiões do globo onde há luta de libertação nacional, os interesses dos imperialismos estão presentes. Mas, a presença não é motivo para negar o apoio aos direitos dos povos e sua luta pela independência nacional. Ao mesmo tempo, devemos defender as palavras de ordem de apoio ao direito pela autodeterminação e independência dos povos e o chamado pela expulsão das influências imperialistas desses países.

Considero que a contribuição mais significativa para o debate sobre a natureza da agressão imperialista russa contra a Ucrânia, sem dúvida, foi escrita por nosso camarada Alejandro Bodart:

Biden e Zelensky em Kiev.



Uma contribuição sobre a guerra e os debates na esquerda. Define fundamentalmente a política da LIS na guerra russo-ucraniana. Alejandro Bodart indica, sem receios, que a guerra na Ucrânia combina dois processos paralelos: por um lado, uma defesa justa da Ucrânia pela soberania e; por outro lado, o aprofundamento dos atritos inter-imperialistas entre as potências da OTAN e os recém-chegados, mas não menos agressivos, imperialismos russo e chinês. O camarada Bodart indica que a separação de um processo do outro, bem como a superestimação de um único processo, empurra, com todas as evidências, as organizações marxistas para uma orientação equivocada da atual situação.

Algumas organizações ainda tentam, com base na dependência econômica e militar da Ucrânia aos países imperialistas da OTAN, negar ao povo ucraniano seu direito à autodeterminação e ao livre desenvolvimento. Essa tentativa é acompanhada por falsas declarações de que a Ucrânia não tem seus próprios direitos, interesses e subjetividade própria. Tentam construir que não é o povo ucraniano que enfrenta um terrível agressor no campo de batalha, mas sim o bloco imperialista da OTAN contra o imperialismo russo. Mas é bastante óbvio que o bloco da OTAN não tem interesse em participar diretamente nesta guerra. Prefere limitar sua participação ao fornecimento de armas à Ucrânia, mesmo assim insuficiente para libertar os territórios ucranianos ocupados pelo agressor.

Nesse sentido, a política da ala leninista da Esquerda de Zimmerwald, em 1915 sobre a Sérvia e sua luta de libertação nacional contra o Império Austro-Húngaro é indicativa para nossa análise. Em sua obra *A Falência da Segunda Internacional*, Lenin observou: “*O elemento nacional na guerra atual é representado apenas pela guerra da Sérvia contra a Áustria [...] Somente na Sérvia e entre os sérvios temos um movimento de libertação nacional de longa história envolvendo milhões de massas, cuja ‘continuação’ é a guerra da Sérvia contra a Áustria [...] Se essa guerra fosse isolada, ou seja, não estivesse ligada a uma guerra europeia geral, de objetivos corruptos e predatórios da Inglaterra, Rússia, etc., então todos os socialistas seriam obrigados a desejar sucesso à burguesia sérvia: essa é a única conclusão correta e absolutamente necessária do elemento nacional na guerra atual*”.

Como podemos ver, Lenin não apoia a luta de libertação nacional dos sérvios apenas(!) por-

Internacionalismo CONTRA A REPRESSÃO de Lukashenko

LIS em Berlim, Alemanha.



Após as mobilizações de 2020, o presidente de Belarus, Alexander Lukashenko, implantou uma perseguição sistemática: fechamento de veículos de comunicação, prisões e julgamentos com acusações forjadas. A KGB (Agência de Segurança do Estado) é o pilar repressivo de um regime stalinista. A invasão russa sobre a Ucrânia provocou protestos duramente punidos para mostrar o servilismo de Lukashenko a Putin e impedir o desenvolvimento de um movimento contra a guerra.

Mesmo assim, trabalhadores ferroviários sabotaram a transferência de equipamentos militares russos por trem e o Congresso de Sindicatos Democráticos de Belarus (BKDP) se manifestou contra a invasão e a presença de tropas russas no país, sendo perseguido por isso. Mais de 700 organizações, incluindo o Sindicato Independente de Belarus (BNP), foram liquidadas nos últimos 2 anos. Não há reconciliação com a ditadura e as atividades continuam na clandestinidade ou no exílio.

A LIS se solidariza com os camaradas belarussos e todos os perseguidos. Apoiamos a campanha “Política sindical não é extremismo”, iniciada pela Associação Solidarnast, que reúne trabalhadores exilados na Alemanha. Entre as atividades realizadas, destaca-se a participação na atividade em frente ao Portão de Brandemburgo, em Berlim, a coleta e a entrega de assinaturas pela libertação dos presos políticos e as ações nas Embaixadas de Belarus em diferentes países. ✊

Entrega de assinaturas em Barcelona.



que, na guerra interimperialista em andamento, a Sérvia é parte integrante do bloco imperialista Entente (Grã-Bretanha, França, Itália, Rússia, EUA). Não se trata do fornecimento de armas dos países da Entente para a Sérvia: trata-se do fato de que todos os países da Entente estão lutando diretamente no teatro de operações europeu, sendo a frente sérvia contra a Áustria-Hungria apenas mais uma das frentes da guerra interimperialista.

“Considero teoricamente errado e praticamente prejudicial não distinguir os tipos de guerra. Não podemos ser contra as guerras de libertação nacional. Por exemplo, a Sérvia. Mas se os sérvios estivessem sozinhos contra a Áustria, não estaríamos nós a favor dos sérvios?” Lenin escreveu ainda em 1915. Como podemos ver, o aspecto-chave de sua posição política é mais uma vez o fato do en-



Milhares de pessoas tentando abandonar Lviv para o refúgio.

volvimento da Sérvia na frente única do bloco imperialista Entente.

O clube de apoiadores do imperialismo russo fracassará na narrativa de que a heróica resistência do povo ucraniano e de seu exército contra a agressão imperialista russa é uma guerra da OTAN contra a Rússia. O fato de acontecer uma guerra imperialista não pode generalizar, de forma alguma, a definição a todos os participantes. Mesmo no massacre mundial ganancioso de 1914, havia povos onde a participação na guerra se ligava à autodeterminação e à libertação nacional.

A atual guerra russo-ucraniana pode mudar de caráter? De uma guerra de libertação nacional do povo ucraniano para uma guerra interimperialista global? Sob quais condições? Alejandro Bodart responde objetivamente: “se algum dos países imperialistas da OTAN, por qualquer motivo, declarasse guerra à Rússia, todo o conflito mudaria

de caráter... Nesse caso, seria um conflito armado interimperialista e teríamos que atualizar nossa política e orientação com o novo cenário”.

Estamos vendo essas condições? Ainda não. Deveríamos estar sempre preparados para essa possível transformação da situação? Evidentemente, sim.

OS INTERESSES IMPERIALISTAS E O “PACIFISMO”.

Inúmeras organizações que se dizem *pacifistas*, as “vozes pela paz”, coincidentemente, suplicam por mais paz quando a situação do exército russo piora. Atualmente, o regime de Putin está fazendo todo o possível para transformar a guerra em um *conflito congelado* e manter os territórios ucranianos ocupados. Para isso, todos os recursos e propagandistas da influência russa estão sendo usados.

Desde a década de 1960, nos EUA e na Europa Ocidental, o pacifismo tem sido associado ao movimento da juventude progressista anti-imperialista e antiguerra que, de muitas maneiras, desempenhou um papel progressivo contra a vergonhosa agressão dos EUA no Vietnã. Será que essa política historicamente progressiva do *pacifismo* justificará uma agressão imperialista? Vamos ver como e sob quais condições a atitude marxista em relação ao *pacifismo* foi formada.

O *pacifismo* é a ideologia de resistência contra a violência com o objetivo de derrotá-la. No século XIX, as ideias de livre-comércio ganharam popularidade entre a burguesia da Europa e da América. Aqueles que associaram seu *pacifismo* aos interesses econômicos dos principais setores da burguesia tiveram uma rápida carreira política e social. O economista burguês Frédéric Bastiat, que via as guerras como um infeliz obstáculo ao desenvolvimento do comércio internacional, esteve na linha de frente dos “lutadores pela paz”. Suas ideias ganharam simpatia entre a elite, sendo eleito para o parlamento francês. Durante a segunda metade do século XIX e até 1914, as ideias do *pacifismo* e *paz eterna* dominaram os círculos burgueses europeus e dos EUA. O capitalismo estava desenvolvendo as forças produtivas e os principais segmentos da classe capitalista consideravam qualquer guerra como um obstáculo desnecessário e prejudicial ao desenvolvimento do mercado mundial e aos superlucros no comércio internacional. Essas ilusões penetraram

tão firmemente na cabeça dos representantes das classes dominantes que, consciente ou inconscientemente, ganharam terreno no nascente movimento socialista.

Mas, a corrente marxista revolucionária estava consciente que, por trás da retórica da *paz eterna e do pacifismo*, estava a natureza de classe do capitalismo em seu auge. A transição do capitalismo europeu e americano para a fase imperialista e o início da luta imperialista pela repartição dos mercados, reduziu drasticamente a popularidade das palavras de ordem pacifistas entre os principais setores da classe capitalista, orientadas para o militarismo e para a retórica chauvinista de uma futura guerra mundial imperialista. O pacifismo foi por vezes adotado voluntariamente pelos líderes reformistas da II Internacional para enganar os trabalhadores e distraí-los da tarefa fundamental: a destruição revolucionária do sistema capitalista.

A ala revolucionária dos marxistas lutou contra o *pacifismo burguês e reformista*, renovado com a eclosão da Primeira Guerra Mundial imperialista. “*Uma forma de enganar a classe trabalhadora é o pacifismo e a pregação abstrata da paz. Sob o capitalismo, e especialmente em sua fase imperialista, as guerras são inevitáveis*”, afirmou Lenin em seu escrito de 1914, “*As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia*”.

A palavra de ordem de Lenin em 1917 sobre a necessidade de uma “*paz sem anexações e indenizações*” não tem nada a ver com o pacifismo burguês ou reformista. Trata-se de uma demanda transitória urgente, dialeticamente associada ao desdobramento do processo revolucionário mundial, não apenas ao território do Império Russo, mas na Europa e Ásia: “*Não é aquele que realmente trabalha para o benefício do mundo democrático que repete os bons desejos gerais, silenciosos e intransigentes do pacifismo, mas sim o que desmascara o caráter imperialista desta guerra e a paz imperialista preparada, que chama os povos à revolução contra os governos criminosos*” (Lenin).

Leon Trotsky apoiou a política de Lenin sobre o pacifismo. Em sua obra *O Pacifismo a serviço do imperialismo*, Trotsky afirmou: “*Teórica e politicamente, o pacifismo está no mesmo terreno da doutrina da harmonia dos interesses sociais*”. Em seu escrito de 1926, “*Mais uma vez sobre pacifismo e a revolução (uma resposta a Bertrand Russell)*”, polemizando com os socialistas reformistas britânicos que alimentavam ilusões sobre o pacifismo, Trot-

sky destacou que “*o pacifismo ataca só uma mínima medida da máquina militar dominante*”.

Em *Lenin e a Guerra Imperialista*, Trotsky destaca a política do marxismo revolucionário sobre os diferentes fenômenos pacifistas: “*A luta contra as ilusões adormecedoras e tranquilizadoras do pacifismo é um elemento essencial da doutrina de Lenin. Com ódio particular, rejeita a reivindicação de ‘desarmamento’ como utópica sob o capitalismo e para desviar a consciência dos trabalhadores da necessidade de seu próprio armamento [...] Uma classe oprimida que não se esforça para aprender a usar armas, para ter armas, mereceria apenas ser tratada como escrava*”. E ainda: “*Nossa palavra de ordem deve ser: armar o proletariado para derrotar, expropriar e desarmar a burguesia [...] Somente depois que o proletariado desarmar a burguesia poderá, sem modificar sua tarefa histórica mundial, livrar-se de todas as armas*”.

No século XXI, o pacifismo continua desempenhando um papel instrumental a serviço de determinados interesses de classe. Infelizmente, predominantemente da classe imperialista. A aventura de Nixon no Vietnã encontrou apoio de uma certa parte influente da burguesia militar-industrial dos EUA, mas setores significativos da mesma burguesia não estavam interessados na guerra. Isso sem mencionar a burguesia da Europa Ocidental. Os interesses coincidiam com mobilizações contra a guerra pela juventude estadunidense, da Europa Ocidental e de parte significativa da classe trabalhadora. No final da década de 1960, o *pacifismo* desempenhou objetivamente um papel, mas foi puramente subordinado e instrumental. Que papel social o *pacifismo* pode desempenhar em 2023, se desde o início foi ordenado, organizado e apoiado financeiramente pelo imperialismo russo?

No espaço pós-soviético, está em voga uma expressão associada ao chamado *paradoxo de Hegel*: “*a história nos ensina que não nos ensina nada*”. Não aceitamos essa tese que nos obriga ao abandono do método marxista de análise. A história da luta de classes nos ensinou e continua ensinando. O imperialismo mantém sua natureza anti-humana, com consequências ainda mais catastróficas para nossa existência. Essas são as razões que não podemos desistir de analisar os imperialismos contemporâneos, devemos elaborar um programa socialista concreto para a luta anti-imperialista. ✨

1. Defesa do Trabalho, em ucraniano.

2. Todos os destaques são do autor.



A POLÍTICA dos revolucionários

POR PABLO VASCO

Para elaborar uma linha política de ação, o socialismo revolucionário usa um método científico: através da análise de uma situação determinada, faz a caracterização da situação, constrói hipóteses sobre sua dinâmica e, com base nisso, define qual política deve ser aplicada. Neste mundo cada vez mais convulsionado e polarizado, para construir uma política revolucionária num período de guerras, a primeira coisa a se fazer é caracterizar os Estados e os lados em conflito. Nem todos os países desempenham o mesmo papel no cenário mundial, portanto, nem todas as guerras são iguais. Essas diferenças definem nossa política.

Atualmente, dois competidores disputam a hegemonia imperialista: os EUA que, após a queda de seu parceiro stalinista na década de 1990, tiveram de enfrentar todos os conflitos regionais, sofrendo um declínio atual; a China, avançando na interferência

global nos campos econômico, comercial, geopolítico e militar. Se estes países entrarem em guerra, que não acreditamos ser imediato, mas com um risco se ampliando, pressionará por posicionamentos de diferentes setores. O imperialismo europeu, os partidos burgueses, a social-democracia e os setores neorreformistas apoiarão os EUA e a OTAN para defender os “valores da democracia” contra o “totalitarismo oriental”, ou alguma hipocrisia semelhante. Países como Rússia e Irã, setores do stalinismo e do nacionalismo burguês semicolonial ficarão do lado da China, por a considerarem *progressista* ou o *mal menor* contra os EUA.

Considerar a China um *mal menor* está fora de sintonia com a realidade. Embora os EUA ainda sejam a maior potência imperialista, a China não desempenha nenhum papel progressista, buscando substituir a hegemonia dos EUA. Não existe multilateralismo progressista. Se, entre as massas chinesas, todas as ilusões sobre a “democracia” e a “liberdade” ocidental devem ser desmascaradas, no Ocidente, o perigo da dominação chinesa deve ser denunciado.

DERROTISMO REVOLUCIONÁRIO

Na possibilidade de um confronto militar mundial pela hegemonia imperialista entre os blocos comandados pelos EUA e pela China, a única política revolucionária seria o impulso do derrotismo revolucionário em cada um dos países em conflito, convocando a classe trabalhadora a não cair na armadilha do chauvinismo das lideranças burguesas, reformistas e burocráticas lutando por seus privilégios e pelo domínio dos bandidos imperialistas.

Uma guerra entre os EUA e a China teria o mesmo caráter essencialmente feroz da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Resultaria, no mínimo, numa carnificina com a morte de milhões de trabalhadores, jovens e civis. Com o agravante de o poder militar e nuclear de hoje serem qualitativamente superior ao de 80 anos atrás, a humanidade e o planeta correm o risco de uma catástrofe e da extinção. É por todas essas razões que, se a situação avançar para um confronto mundial, a política revolucionária deve ser a *derrota de ambos os lados* e o chamado a transformar a guerra em revolução contra os governos que empurram a humanidade à barbárie, a única alternativa à necessidade de se organizar para lutar *pelo socialismo em nível mundial*.

Assim como a consolidação dos EUA como potência imperialista dominante, desde a Segunda Guerra Mundial, não trouxe nada de positivo para a humanidade, tampouco um triunfo da China, seguindo o mesmo caminho dos EUA, construir algo progressivo, consolidando-se como uma força repressiva mundial a serviço da garantia da sobrevivência do sistema capitalista mais decadente, predatório, autoritário, explorador dos trabalhadores e dos povos.

A política de *derrotismo revolucionário* deve ser construída em todos os países que se alinharem em ambos os lados: membros da OTAN como o Japão, Coreia do Sul e a Austrália (pelo pacto militar AUKUS) com os EUA; Rússia, Coreia do Norte, Irã, Turquia, Venezuela e outros possíveis aliados com a China.

A IMPORTÂNCIA DO DIREITO A AUTODETERMINAÇÃO NACIONAL

Além da dinâmica que pode seguir os acontecimentos, ainda não estamos num confronto mundial aberto. Por isso, nossa orientação política não pode ser a mesma como se já estivéssemos em uma Terceira Guerra Mundial, infelizmente aplicada por

vários setores da esquerda reformista.

O que existe hoje são crescentes atritos interimperialistas e, ao mesmo tempo, uma série de conflitos regionais, entre estes, a invasão russa sobre a Ucrânia. Mas não podemos descartar que, em um futuro próximo, esses conflitos possam se desenvolver para outros caminhos, por exemplo, em Taiwan, no Níger e no norte da África. Isso nos obriga a sermos precisos em nossa política, sem cair no unilateralismo ou ceder às pressões de um dos lados da disputa imperialista.

A invasão russa na Ucrânia nos obriga a combinar a defesa do direito à autodeterminação do povo ucraniano, a denúncia contra o invasor, com o uso do conflito pelos EUA e pela OTAN. Infelizmente, poucas organizações conseguiram passar no teste com uma orientação revolucionária: algumas, pelo aberto alinhamento com um dos lados imperialistas; outras, por causa da confusão teórica e da debilidade política.

Como destacou Lenin, na Primeira Guerra



Mundial: *“Na guerra atual, os Estados-Maiores estão se esforçando meticulosamente para explorar todos os movimentos nacionais e revolucionários no campo de seus adversários: os alemães com a insurreição irlandesa; os franceses com o movimento tcheco, e assim por diante. Cada ponto de vista tem toda razão. Não se pode adotar uma atitude séria em uma guerra séria sem explorar a menor fraqueza do adversário, sem tirar proveito de todas as oportunidades, ainda mais sendo impossível saber com antecedência que momento ou força um, ou outro barril de pólvora “explodirá” aqui ou acolá. Seríamos péssimos revolucionários se, na grande guerra libertadora do proletariado pelo socialismo, não soubéssemos tirar proveito de qualquer movimento popular contra as diversas calamidades do imperialismo, para acelerar e ampliar a crise”*.

Se o imperialismo utiliza o direito de um povo

à autodeterminação e à libertação nacional a seu favor, não pode existir dúvida. O interesse particular da OTAN em apoiar a Ucrânia contra a Rússia não significa necessariamente que os revolucionários devam abandonar ou sacrificar o povo ucraniano. Segundo Lenin, “o fato de que a luta pela liberdade nacional contra uma potência imperialista pode ser explorada, sob certas condições, por outra grande potência em benefício de seus próprios objetivos também imperialistas, não pode forçar a social-democracia [ou seja, os revolucionários até então] a renunciar ao reconhecimento do direito das nações à autodeterminação”².

Antes da Segunda Guerra Mundial, Trotsky destacou os seguintes desafios: “A luta de classes e a guerra são fenômenos mundiais decididos internacionalmente. Como toda luta permite apenas dois campos (bloco contra bloco) e, como as lutas imperialistas estão entrelaçadas com a guerra de classes (imperialismo mundial contra proletariado mundial), surgem muitos casos complexos e multifacetados... O proletariado de todos os países, a única classe em solidariedade internacional e, a única classe progressista entre as demais, encontra-se na complexa situação em tempos de guerra, especialmente na nova guerra mundial, de combinar o derrotismo revolucionário às suas próprias burguesias com o apoio a guerras progressistas”³.

A guerra na Europa Oriental tem três sujeitos: 1) a Ucrânia; um país semi-independente ou semicolonial; 2) a Rússia, podendo-se discutir se é imperialista ou subimperialista, ou seja, um imperialismo regional e, mesmo sendo considerada um imperialismo militar, como a organização internacional do PTS argentino afirma, para justificar sua rendição, a Rússia é uma potência; 3) o terceiro sujeito, a OTAN, com envolvimento crescente, é a aliança militar imperialista liderada pelos EUA.

Essa guerra combina dois aspectos: a invasão da Rússia, uma grande potência, contra uma semicolônia, a Ucrânia, que está se defendendo; a intervenção imperialista dos EUA - até agora indireta, com armas e logística, ainda sem tropas diretas - para enfraquecer a Rússia e avançar no cerco contra a China, sua grande concorrente. A política revolucionária deve responder a esse duplo caráter: um confronto interimperialista e, ao mesmo tempo, uma guerra justa de soberania nacional contra o invasor. É errado omitir ou menosprezar qualquer um desses aspectos.

- Por exemplo, correntes neorreformistas como o Podemos, da Espanha, em nome do “paci-

fismo”, iguala os dois lados, um equívoco. Um ano após a invasão, o Podemos, o presidente argentino Alberto Fernández, seu parceiro colombiano Petro, o francês Mélenchon e o britânico Corbyn pediram *negociações para uma solução pacífica*⁴, uma posição funcional a Putin e semelhante ao campismo stalinista.

- Ao mesmo tempo, seções do trotskismo, como a Internacional mandelista, a LIT e a UIT, priorizam o aspecto da autodeterminação ucraniana e caem em um tipo de etapismo que minimiza a luta política atual contra o imperialismo ocidental e seu aliado Zelensky.
- Num erro oposto, segue a Fração Trotskista (FT) do PTS (Argentina), que propõe o derrotismo bilateral. Ao definir como uma guerra por procuração⁵, ou seja, em nome da OTAN, atribui às tropas e ao povo ucraniano o mesmo papel negativo do invasor russo, dessa forma, agindo favoravelmente ao imperialismo russo.

Ainda segundo a Fração Trotskista, o “elemento da autodeterminação nacional fica cada vez mais em um segundo plano para determinar nossa política enquanto se subordina ao enfrentamento militar entre potências”⁶. Na política concreta, esse “segundo lugar” desaparece completamente, pedindo “a formação de um polo contra a guerra na Ucrânia, pela unidade internacional da classe trabalhadora com uma política independente, pela retirada das tropas russas, contra a OTAN e o armamentismo imperialista, por uma Ucrânia operária e socialista, pela perspectiva dos Estados Unidos socialistas da Europa”. Mesmo que falem em “retirada das tropas russas”, propor na Ucrânia “um polo contra a guerra” é, na verdade, trabalhar pela vitória de Putin. Quem está lutando para expulsar os invasores russos são as tropas ucranianas. A FT já havia comemorado, meses atrás, um boicote portuário na Itália aos embarques de armas para a Ucrânia. Nos países da OTAN, é lógico não exigir mais armas porque isso fortalece sua burguesia imperialista, mas boicotar um carregamento para a Ucrânia, como fazem os campistas, significa desarmar o país invadido.

“APRENDAM A PENSAR” . . .

Foi assim que Trotsky intitulou um debate contra uma posição semelhante à da FT: “Suponhamos que amanhã irrompa uma rebelião na Ar-



Ucranianos fugindo da guerra.

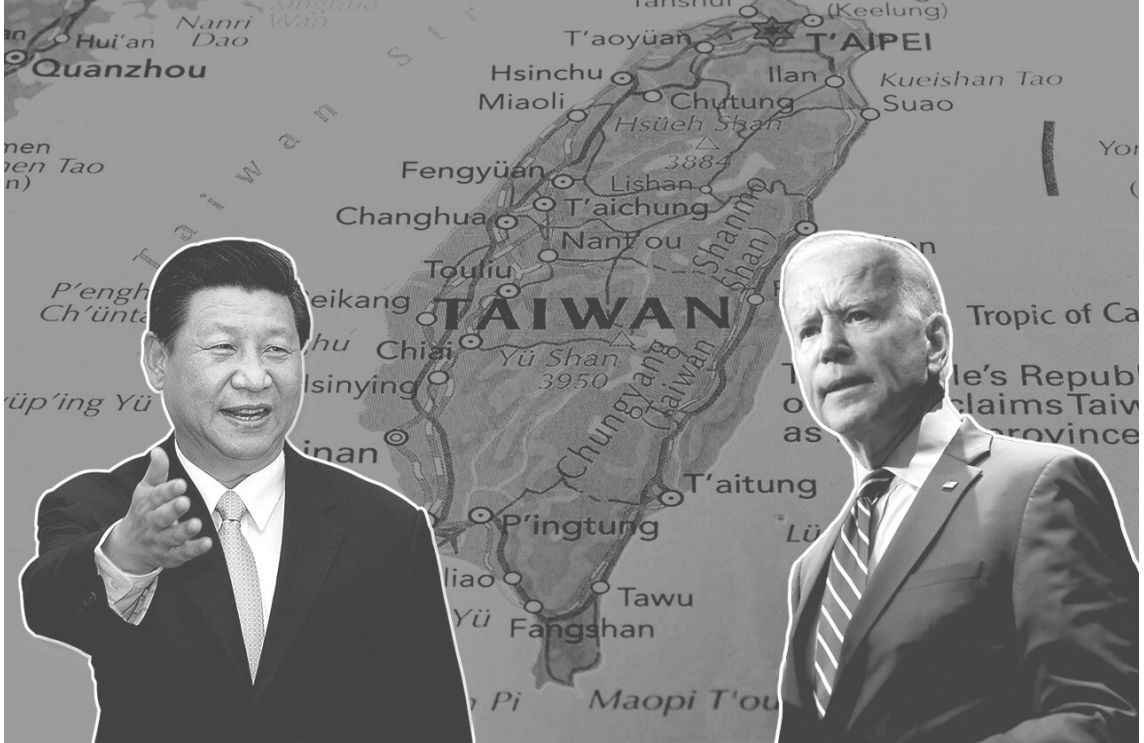
gélia, colônia francesa, sob a bandeira da independência nacional e que o governo italiano, motivado por seus próprios interesses imperialistas, se prepare para enviar armas aos rebeldes. Qual deve ser a atitude dos trabalhadores italianos neste caso? Tomei intencionalmente um exemplo de rebelião contra um imperialismo democrático, com a intervenção a favor dos rebeldes de um imperialismo fascista. Os trabalhadores italianos não devem enviar armas aos argelinos? Deixemos que os ultraesquerdistas ousem responder afirmativamente a esta pergunta. Qualquer revolucionário, junto com os trabalhadores italianos e os rebeldes argelinos, repudiaria tal resposta com indignação. Mesmo que, ao mesmo tempo, explodisse uma greve geral marítima na Itália fascista, os grevistas teriam que abrir uma exceção aos navios que transportassem ajuda aos trabalhadores coloniais escravizados em rebelião; caso contrário, não passariam de vis sindicalistas, não revolucionários proletários. Ao mesmo tempo, os trabalhadores marítimos da França, mesmo que não enfrentem uma greve, estarão obrigados a fazer todos os esforços para bloquear o carregamento de munições que podem ser usadas contra os rebeldes. Somente tal política, por parte dos trabalhadores italianos e franceses, constitui a política do internacionalismo revolucionário. Neste caso, isso não significa que os trabalhadores italianos estão moderando sua luta contra o regime fascista? De forma alguma. O fascismo presta 'ajuda' aos argelinos apenas para enfraquecer seu inimigo, a França, e estender sua mão feroz sobre suas colônias. Os trabalhadores revolucionários italianos não devem se esquecer disso em momento algum. Fazem um chamado aos argelinos para que não confiem em seu falso 'aliado' e, ao mesmo tempo, continuam sua própria luta intransigente contra o fascismo, 'o principal inimigo em seu próprio país'. Só assim podem

ganhar a confiança dos rebeldes, ajudar a rebelião e fortalecer sua própria posição revolucionária.”⁷.

Trotsky manteve a mesma posição na guerra entre exércitos regulares. Em 1935-36, houve uma guerra entre o exército da Itália imperialista, liderado por Mussolini, e as tropas da Etiópia, sob o comando do líder negro semifeudal Haile Selassie, abastecido pela Alemanha nazista. Rechaçando o pacifismo centrista do Partido Trabalhista Independente Britânico, que entendia como “dois ditadores rivais”, Trotsky foi resoluto: “Se Mussolini triunfar, resultará no fortalecimento do fascismo, do imperialismo e da desmoralização dos povos coloniais da África e do mundo. Por outro lado, a vitória do soberano Negus significaria um tremendo golpe, não apenas ao imperialismo italiano, mas também todo imperialismo, resultando num poderoso impulso às forças rebeldes dos povos oprimidos”⁸.

O fato de a Ucrânia não ser uma colônia, mas uma semicolônia e, de seu governo burguês ser apoiado pela OTAN, não nega o direito elementar dessa nação de enfrentar a invasão imperialista russa.

Em 1937 estourou uma guerra entre o Japão imperial e a China semicolonial, liderada pelo nacionalista burguês e inimigo da revolução operária e camponesa, Chiang Kai-shek, que contava com o apoio da Grã-Bretanha e dos EUA. Rechaçando as propostas de derrotismo revolucionário dos ultraesquerdistas, Trotsky defendeu a mesma política adotada na guerra italo-etíope: “O Japão e a China não estão no mesmo plano histórico. A vitória do Japão significaria a escravização da China, o fim de seu desenvolvimento econômico, social e o terrível fortalecimento do imperialismo japonês. A vitória da China significaria, ao contrário, a revolução social no Japão e o livre desenvolvimento da luta de classes na China



Xi Jinping e Biden.

sem impedimento da opressão externa. Mas será que Chiang Kai-shek pode garantir a vitória? Acho que não. No entanto, foi Kai-shek quem iniciou a guerra e a lidera. Para substituí-lo, é necessário ganhar influência... influência decisiva entre o proletariado e o exército. Para isso, não é necessário permanecer suspenso no ar, isolado, mas estar no meio da luta. É necessário ganhar influência e prestígio na luta militar contra a invasão estrangeira e na luta política contra as fraquezas, deficiências e traições internas”.

Dessa forma, Trotsky não foi derrotista em relação ao país atrasado atacado, independentemente de sua forma de governo e das manobras das outras potências, defendeu sua vitória sobre o agressor imperialista. Não confundiu *tipo de governo* com *tipo de país*, nem *apoio militar* com *apoio político*, como hoje alguns fazem, “suspensos no ar”. Sobre o que aconteceria se a Ucrânia vencesse a guerra, afirmamos: não apenas seu povo trabalhador seria fortalecido para enfrentar o governo, mas também a classe trabalhadora e os povos da Rússia, Belarus, Cazaquistão e de outras nações oprimidas da região, na luta contra Putin, Lukashenko e outros ditadores capitalistas.

É por isso que reafirmamos um programa principista, revolucionário e internacionalista que a LIS e a nossa Liga Socialista Ucrâniana apresentam desde o início da guerra: fora tropas russas; apoio à resistência ucraniana; fora OTAN do Leste Europeu, pela sua dissolução; livre autodeterminação da Crimeia, Donetsk e Luhansk, sem tropas russas; denúncia de Zelensky e de suas medidas contra a classe trabalhadora, com

independência política classista de seu governo capitalista e pró-imperialista.

Essa política faz parte da luta mundial contra os governos capitalistas e seus planos de ajustes e pilhagens, impulsionando a luta operária, popular e a construção de partidos revolucionários para tomar o poder e avançar ao socialismo, sem fronteiras, sem exploração e sem qualquer forma de opressão. ✖

1. Lenin. *Um balanço da discussão sobre a autodeterminação*. 1916. Em: <https://marxists.org/espanol/lenin/obras/oe12/lenin-obrasescogidas06-12.pdf>
2. Lenin. *A Revolução Socialista e o Direito à Autodeterminação*. 1916. Em: <https://fundacionfedericoengels.net/index.php/2-uncategorised/31-autodeterminacion-lenin>
3. Rudolf Klement. *Princípios e táticas na guerra*. 1937. Em: <https://marxists.org/espanol/klement/1937/1937a.htm>
4. Declaração pela Paz na Ucrânia.
5. Também chamada de *guerra por procuração*.
6. Claudia Cinatti; Matías Maiello. *A reatualização da “época de crises, guerras e revoluções” e as perspectivas para uma esquerda revolucionária internacionalista*. Em: <https://esquerdadiario.com.br/A-reatualizacao-da-epoca-de-criises-guerras-e-revolucoes-e-as-perspectivas-para-uma-esquerda>
7. Trotsky. *Aprendam a pensar: uma sugestão amistosa a certos ultraesquerdistas*. 1938. Em: <https://marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro5/T09V234.htm>
8. Trotsky. *Sobre os Ditadores e as Cúpulas de Oslo*. 1936. Em: <https://marxists.org/archive/trotsky/britain/v3/ch02i.htm#s1>

AS LIMITAÇÕES do PSOL e A CONSTRUÇÃO do partido revolucionário

POR VERÓNICA O'KELLY E DOUGLAS DINIZ - DIREÇÃO NACIONAL DE REVOLUÇÃO SOCIALISTA – LIS, BRASIL

No Brasil, a Frente Ampla encabeçada por Lula (PT) e Alckmin (PSB) governa em aliança com partidos burgueses. Não depositamos nenhuma confiança nesse governo, a esquerda independente deve ser oposição. Ao mesmo tempo, o PSOL enfrenta um processo liquidacionista que avança e se consolida, significando um grande desafio para a esquerda revolucionária. Apresentamos nossa perspectiva sobre os debates em curso.

SEM A ESQUERDA RADICAL NÃO SE DERROTA A EXTREMA DIREITA

A derrota eleitoral de Bolsonaro em 2022 significou uma vitória popular, mas contraditória. A derrota pela via eleitoral, e não pelas mobilizações, faz com que seja menos contundente para acabar de vez com a extrema direita e seu projeto contra o povo trabalhador e pobre.

Passados mais de seis meses do governo Lula, fica demonstrado que, como não consegue consolidar a derrota eleitoral e, com sua agenda de ajustes capitalista, revitaliza a extrema direita e o próprio Bolsonaro, com alto nível de apoio nas massas. Mesmo sendo julgado inelegível pela Justiça Eleitoral por um período de oito anos, Bolsonaro continua impune pela infinidade de delitos cometidos em seu mandato. Essa impunidade é garantida pelo governo de conciliação de classes Lula-Alckmin.

Sem uma alternativa política de esquerda, radical, a extrema direita não será derrotada.



Boulos e PSOL em apoio a Lula.

As massas, numa experiência com governos progressistas que aplicam a agenda de desmontes de direitos e conquistas do capital, fazem sua experiência e rapidamente rompem com esses governos permitindo a extrema direita crescer. Só a esquerda socialista tem um verdadeiro projeto alternativo e de saída a favor dos que trabalham. Enquanto não superar a dispersão e se transformar numa ferramenta para as massas, o círculo de governos burgueses de centro, de direita e da extrema direita seguirá.

O PROCESSO LIQUIDACIONISTA DO PSOL AVANÇA

O PSOL, na sua fundação, se propôs ser a superação do PT e seu projeto de conciliação de classes, quando este abandonou seu programa histórico para se adaptar à ordem e administrar o Estado burguês. Esse projeto fundacional foi impulsionado por correntes da esquerda classista, maioria do partido nascente. Com o tempo, mais setores do PT continuavam saindo do partido e entrando no PSOL, correntes centristas e reformistas que produziram uma

Apoio do PSOL a
Lula no 1º turno
das Eleições, 2022.



mudança qualitativa na sua composição e política. Foi assim que se fortaleceu um projeto de refundação, com o objetivo de liquidar a independência política e o programa fundacional. Hoje assistimos uma consolidação desse processo que tem como objetivo assimilar o partido à ordem burguesa.

A refundação é um projeto da direção majoritária, o Campo PSOL Popular (Primavera Socialista e Revolução Solidária) e infelizmente sustentada pelo Campo Semente (Resistência, Insurgência e Subverta – correntes da internacional mandelista) que formam o Bloco “PSOL de todas as lutas”. Essa direção está levando o PSOL ao mesmo caminho percorrido pelo PT. É responsável pelo partido não ter tido candidatura própria na última eleição presidencial de 2022, se abstendo de participar na disputa política eleitoral com um programa próprio. É responsável pela conversão em base de apoio do governo Lula-Alckmin, aceitando que Sônia Guajajara, referência do partido, seja Ministra, e o Deputado Federal, Pastor Henrique Vieira, assuma a vice-liderança do Governo na Câmara dos Deputados. Também é responsável pela conformação de Federação com um partido de capitalismo verde, a Rede Sustentabilidade, um grande retrocesso na independência de classe do PSOL - infelizmente com apoio do MES.

O próximo período após o 8º Congresso Nacional do partido se definirá o futuro do PSOL: ou se aprofunda o processo de adaptação e assimilação à ordem, ou se recupera o projeto fundacional, retomando a independência de classe como condição necessária para sua continuidade.

POR QUE AINDA É CORRETO ESTAR NO PSOL?

É fato que as contradições são muitas e têm se acentuado nos últimos anos. Sobre isso, temos acordo com camaradas que têm se desfilado nos últimos tempos. Mas, opinamos que é equivocado abandonar hoje a disputa pelo projeto político que conseguiu reagrupar a esquerda socialista. Ainda existe, dentro do PSOL, uma vanguarda que pode ser ganha para o projeto da revolução e não engrosse as fileiras da conciliação de classes.

Infelizmente também existe uma grande dispersão na esquerda brasileira e, tanto os erros oportunistas e centristas, como os autoproclamatórios e sectários, têm impossibilitado o fortalecimento da esquerda socialista dentro do PSOL ou o surgimento de algo novo por fora. Isso não é um debate menor. Não é correto o isolamento dos processos de organização e reorganização. Os belos discursos, sem impacto nas massas e seus processos de luta, são inúteis. Ao mesmo tempo, também precisamos fugir do parlamentarismo oportunista, uma das faces da adaptação reformista ao sistema.

Embora o governo Lula-Alckmin tente convencer que com a democracia se resolve tudo, as massas exploradas, oprimidas e empobrecidas não estão dispostas a perder suas conquistas e por isso as lutas surgem. Nossa tarefa é fortalecer cada uma dessas lutas e construir a ferramenta política capaz de se colocar como alternativa nas massas. Chamamos ao fortalecimento de uma alternativa política com independência de classe e anticapitalista. Continuamos dando essa batalha dentro do PSOL, tendo o próximo Congresso como tarefa importante no caminho de construir um partido socialista, internacionalista e revolucionário no Brasil. ✊

COP-30 no Brasil: o “BLÁ, BLÁ, BLÁ” virá para a Amazônia

POR MAURÍCIO MATOS, COLETIVO LUTA ECOSSOCIALISTA, REVOLUÇÃO SOCIALISTA-PSOL

Em janeiro de 2023, a Science Magazine, uma das revistas científicas mais prestigiadas no mundo, publicou um artigo onde demonstra que as projeções sobre o aquecimento global realizadas entre 1977 e 2003 por cientistas da multinacional petrolífera ExxonMobil, de capital estadunidense, foram consistentes e precisas na grande maioria das vezes. Isso desmonta a farsa contada pelas gigantes petrolíferas que não sabiam ou não tinham certeza a respeito da interferência da queima de combustíveis fósseis sobre o clima do planeta Terra: “durante décadas, alguns membros da indústria de combustíveis fósseis tentaram convencer o público de que uma ligação causal entre o uso de combustíveis fósseis e o aquecimento climático não poderia ser feita porque os modelos usados, para projetar o aquecimento eram muito incertos”.

Nos Estados Unidos, após a descoberta em 2015 de memorandos internos da Exxon escritos no final da década de 1970, seguiram-se oito anos de intensa busca por mais informações. Nesse período, um pesquisador britânico encontrou no arquivo de um museu no pequeno estado de Delaware, próximo a Washington-DC, EUA, transcrições de uma conferência sobre petróleo realizada em 1959 na Universidade Columbia, em Nova Iorque. Dentre as centenas de páginas, um trecho lhe chamou atenção. Era o discurso de um dos cientistas que ajudou a criar a destruidora bomba termonuclear (Bomba H), onde falava sobre combustíveis fósseis para uma plateia de executivos da indústria estadunidense: “[...] sempre que você queima combustível convencional, você cria dióxido de carbono. [...] Sua presença na atmosfera causa efeito estufa. [...] todas as cidades costeiras seriam cobertas” pelo aumento do nível do mar, em decorrência do derretimento das calotas polares, alertava o cientista, caso os combustíveis fósseis continuassem a ser usados em larga escala.

A descoberta de que as multinacionais petrolíferas já tinham conhecimento sobre os impactos climáticos catastróficos em escala global, causados pela queima de petróleo, gás e carvão, escondendo esses dados e criando uma rede de desinformação para desacreditar os estudos acadêmicos que chegavam a conclusões divergentes, fez surgir dezenas de ações judiciais movidas por cidades, condados e estados norte-americanos contra as empresas de petróleo e gás. Paralelo a isso, surgiram movimentos sociais como o #ExxonKnew (Exxon sabia), que cobra do “Departamento de Justiça dos EUA e dos Procuradores-gerais Estaduais que investiguem as grandes petrolíferas e façam os poluidores pagarem”.

DENUNCIAR A COP-30 E ORGANIZAR A CÚPULA DOS POVOS!

Apesar de já terem conhecimento sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas, petrolíferas e governos imperialistas esconderam da população, durante décadas, os efeitos nocivos da exploração sem limites dos combustíveis fósseis. Somente em 1992 a ONU pautou o tema na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). A primeira reunião de cúpula dos países poluidores para debater especificamente as mudanças climáticas só se ocorreu em 1995, em Berlim, Alemanha (COP-1).



De lá para cá, muito “blá, blá, blá”, muitas promessas não cumpridas, muitos acordos rompidos e nenhuma ação forte o suficiente para impedir uma catástrofe social e ambiental em todo o planeta. É uma demonstração clara de que o capitalismo não irá oferecer soluções reais para se evitar um colapso socioambiental.

Lamentavelmente, a postura da direção majoritária nacional e do PSOL na cidade de Belém, capital do estado do Pará na região Norte, administrada pelo prefeito Edmilson Rodrigues, do PSOL, sede da COP-30, é utilizar a tática do “greenwashing” enquanto comemora a realização do evento como uma possibilidade de empréstimos financeiros para “maquiar” a cidade em busca de sua reeleição a Prefeito em 2024. A militância do PSOL tem o dever de denunciar a farsa da COP-30 e articular a organização de um evento paralelo, a Cúpula dos Povos, que apresente alternativas para além dos lucros capitalistas.

É preciso que os “de baixo” tomem em suas mãos a tarefa de defender a biodiversidade e os povos em escala internacional. Defender a Mãe Terra, a Pachamama. Nesse sentido, as palavras do camarada Hugo Blanco, falecido em 25 de junho deste ano, tomam um novo e planetário sentido: “Terra ou morte!”. Venceremos! ✊

QUAL DEVE SER A ESTRATÉGIA da Frente de Esquerda?

POR SERGIO GARCÍA



Ato da FIT-U na Argentina.

A Argentina vive uma comoção após os resultados das eleições primárias obrigatórias (PASO) com a vitória do ultradireitista Javier Milei. O país está no meio de uma grande crise econômico-social e a burguesia atacando os direitos sociais e democráticos na província de Jujuy. Esse é o plano nacional que a burguesia tentará impor após as eleições de outubro, confirmado pelo avanço de Milei, resultando em mais confrontos nas ruas. Nesse cenário, a Frente de Esquerda e de Trabalhadores – Unidade (FIT-U) passou nas primárias e segue como uma das cinco listas nas eleições gerais de outubro, no momento de um profundo debate e diferentes estratégias em disputa. Que diferenças existem e que estratégias estão em debate? Que projeto nossa lista, formada pelo MST e pelo Partido Obrero, propõe à FIT-U? Qual balanço das eleições de 13 de agosto? Que importância tem nossa vitória no interior da FIT-U na capital do país? Trataremos dessas questões.

A Argentina tem uma longa história de luta e um regime burguês em crise permanente. Após a queda da ditadura, no início da década de 1980, pela ação revolucionária do movimento de massas, o regime democrático burguês agiu o melhor que pode nos momentos altos e baixos, como os primeiros anos da década de 1990. No final do século XX, a crise e a ascensão deram um grande salto até resultar nos dias históricos do *Argentinazo* em 2001, derrubando o governo de Fernando De la Rúa (UCR) e ao regime bipartidário existente, com o “*Fora todos!*”, uma modificação qualitativa da situação. Infelizmente, a falta de uma alternativa de esquerda com influência de massas limitou o avanço do processo, permitindo que o peronismo recuperasse o poder, embora com sua estrutura política e sindical mais fraca.

Essa breve revisão histórica é necessária para compreender o que estamos vivendo hoje. Desde o *Argentinazo* até agora, a grande burguesia e o imperialismo tiveram o controle político, mas não conseguiram estabilizar o regime ou avançar qualitativamente nas mudanças estruturais a seu

favor. Os governos tentaram aplicar essas mudanças, mas não conseguiram. Um após o outro, se esforçaram para colocar ordem na situação das ruas e na economia, sem sucesso. O surgimento do Macrismo, com forte apoio burguês durante seu governo de 2015 a 2019, tinha como objetivo central “normalizar” o país, não conseguiu e foi repudiado por grandes setores das massas.

Macri foi sucedido em 2019 pelo peronismo, com Alberto Fernández como presidente, escolhido por Cristina Fernández de Kirchner, atual vice-presidenta. Estamos vivendo os últimos dias deste governo de grande crise econômica e inflacionária, com um salto nos níveis de pobreza, indignância e desigualdade social. Somado a isso, rendido ao FMI pela legalização, aprovada pelo peronismo, de uma dívida fraudulenta contraída por Macri com o Fundo. Esse desastre se expressou nas PASO de 13 de agosto.

A ASCENSÃO DE MILEI, A CRISE E SUAS PERSPECTIVAS

A Argentina iniciou a campanha eleitoral para as eleições gerais de 22 de outubro, para Presidente e cargos legislativos, após as PASO (eleições primárias obrigatórias) que **abalou o cenário político, com a derrota das duas principais forças – o peronismo e o macrismo - e o triunfo de Javier Milei, líder de extrema direita d’A Liberdade Avança.**

A campanha eleitoral ocorreu no contexto de uma situação internacional e latino-americana crítica, com fortes tensões sociais e polarização. Nesse contexto, com o fracasso de sucessivos governos, incluindo o último com um discurso progressista, mas que aplica ajuste monetarista, houve uma **inegável combinação de um giro eleitoral à direita, expressado no voto de castigo de setores politicamente atrasados contra os que estavam no poder, um fenômeno capitalizado por Milei e o setor de direita e fascista que defende um profundo programa antidireitos.** Outro setor do eleitorado decidiu não votar ou votar em branco. Dessa forma, a Argentina está às portas do triunfo nas eleições gerais de uma “espécie” de Bolsonaro, com um discurso de extrema direita e possibilidades, ainda não concluídas, mas reais, de chegar à presidência.

Tanto o peronismo, com Sergio Massa, quanto o macrismo, com Patricia Bullrich, sofreram um forte golpe que abalou todos os seus planos.

O resultado desestabilizou ainda mais um regime político em crise. Agora, Massa e Bullrich tentarão se recompor e vencer as eleições gerais; no caso do peronismo, ampliando o medo de parte da população sobre um futuro governo de Milei. Veremos se isso funciona no meio do governo peronista com ajustes. Por enquanto, o líder da extrema direita está em vantagem e tudo pode acontecer.

A essência do resultado eleitoral é que, com importantes lutas operárias e populares ainda não generalizadas, pela hipótese, **a Argentina está caminhando numa via onde os primeiros capítulos da crise são o prelúdio dos grandes confrontos que se avizinham.** O país do muito em breve é uma nova tentativa burguesa de controlar as ruas, de limitar o direito de manifestação, de

Javier Milei.



processar as lutadoras e lutadores, de votar novas leis impopulares, tudo a serviço de um plano de ajustes brutal do FMI, com reformas trabalhistas, previdenciárias e o saque de nossas riquezas com as grandes corporações internacionais - ianques e chinesas. Esse país que se avizinha já foi visto na província de Jujuy, onde, com a força da repressão, foi aprovada uma reforma constitucional reacionária que restringe os direitos democráticos e garante segurança jurídica para o roubo do lítio. Em Jujuy houve um grande protesto contra a reforma, com grandes mobilizações de professores, funcionários públicos e grupos de coordenação com piquetes e bloqueios de vias públicas. **Em Jujuy, podemos ver a imagem do que está por vir, também com uma vitória de Milei. Em médio prazo, após o novo governo tomar posse, haverá mais tensões sociais e mais polarização, novas rebeliões, mudanças abruptas e reviravoltas na situação, possivelmente uma crise revolucionária.** Nós, da esquerda revolucionária, devemos nos preparar para tudo isso.

NESSE CENÁRIO, A FRENTE DE ESQUERDA É NECESSÁRIA

Começamos por reivindicar nossa entrada anos atrás na Frente de Esquerda e de Trabalhadores – Unidade (FIT-U), uma coalizão eleitoral da esquerda que nós do MST formamos com o Partido Obrero, o PTS e a Izquierda Socialista. Essa Frente vem ganhando o apoio de importantes setores da vanguarda, do ativismo operário, popular e de um setor de trabalhadores e jovens nas eleições. Desde sua fundação, a Frente tem se aproveitado da ausência de fortes organizações de centro-esquerda, absorvidas pelo peronismo com o kirchnerismo, agora desbotado. Porém, nessas eleições, a candidatura presidencial de Juan Grabois defendeu um discurso popular contra o FMI e, mesmo concorrendo pelo peronismo, fez com sua própria fórmula, obtendo um bom



Ato do MST e PO na Argentina.

número de votos (5%) e impedindo que um setor votasse à esquerda. No futuro, veremos se esse novo sujeito político rompe ou não com o PJ e, se romper, como isso afetará a esquerda e a possibilidade de crescimento com o surgimento de uma nova mediação. Precisamos agir nesse novo fenômeno político, começando por dizer que, se é contra o FMI, é necessário romper com o PJ que governa com o FMI e se juntar à luta nas ruas contra as medidas de austeridade de qualquer governo que vença em outubro.

Nesse contexto, a FIT-U tem o aspecto positivo com um programa profundo e espaço político conquistado, confrontando todas as vertentes capitalistas. É por isso que devemos defendê-la e lutar por sua continuidade e crescimento. Nas primárias, obtivemos 650 mil votos de trabalhadores e jovens (2,6%), algo quase se-

melhante à última eleição presidencial de 2019 (2,8%), o que representa uma consolidação de nossa base social-eleitoral, embora sem dar um novo salto. Comparado às eleições legislativas de 2021, tivemos um retrocesso, embora seja uma eleição diferente, diferente da presidencial, mas não conseguimos sustentar essa votação. O fato de termos um setor importante de eleitores consolidados é justificado e pode vir a crescer nas eleições gerais de outubro.

Em caminho oposto à conquista da FIT-U na esquerda, está o desempenho muito ruim do Nuevo MAS, com Manuela Castañeira e sua débil corrente internacional SoB, decaindo para míseros 0,3% dos votos, resultado do sectarismo ao rejeitarem a unidade da esquerda.

Indo além dos pontos fortes, a FIT-U também possui limitações consideráveis que refletem na incapacidade de avançar mais. Essas limitações não podem ser escondidas, devem ser debatidas profundamente com nossa militância, com a vanguarda e os milhares de simpatizantes que nos apoiam.

É importante entender o que estamos debatendo. Foram 2 listas da FIT-U nas eleições das PASO e o debate não pode ser reduzido na disputa entre duas candidaturas. Embora a aparência seja que a FIT-U se apresentou nas primárias com duas candidaturas, o debate é sobre projeto político e estratégia. No primeiro turno das eleições em outubro, apresentaremos nossa lista comum em unidade contra os partidos capitalistas, mas o debate fundamental e estratégico continuará após as eleições: sobre o que a FIT-U deve ser, já que nessa questão central, não temos acordo com o PTS, com a Fração Trotskista, nem com o menor grupo da FIT-U, a Izquierda Socialista, seção da UIT-QI.

Nós do MST, com os camaradas da PO, que modificaram sua posição anteriormente defendida, questionamos nas PASO o caráter meramente eleitoral da FIT-U. Propusemos uma frente que atue nas lutas diariamente, que promova a disputa pela direção da classe trabalhadora, nos bairros populares e que faça com que milhares de lutadores enxerguem a nossa frente, não apenas para votação a cada dois anos. Estamos num país onde a burguesia tentará novos ataques aos direitos democráticos e sociais, contra isso, a classe trabalhadora e o povo responderão com força e a esquerda deve se insurgir, ser resoluta e construir as lutas diárias

unitárias. Defendemos uma FIT-U que consiga responder aos grandes desafios.

Infelizmente, os companheiros do PTS não valorizam esses desafios e apresentam uma perspectiva eleitoralista à FIT-U, ordenados pelo marketing eleitoral de suas figuras públicas, deixando de lado qualquer perspectiva de ampla unidade política. Além disso, não articulam decididamente as lutas e a disputa pela direção do movimento operário. Nos bairros populares, surpreendentemente, atacaram o movimento de piqueteiro independente com posições estranhas à nossa classe ao afirmar que os trabalhadores dos bairros não se mobilizam “*consciente e voluntariamente*”, o mesmo argumento utilizado pelos políticos e pela mídia pró-regime. Dessa forma, o PTS e a Izquierda Socialista desprezam a luta e a organização de bairro de centenas de milhares de famílias trabalhadoras.

ANTES E APÓS OUTUBRO, DOIS PROJETOS ESTRATÉGICOS EM DEBATE

A FIT-U seguirá para as eleições gerais com a chapa Myriam Bregman e Nicolás Del Caño. O MST participará com candidatos em todas as províncias do país, fruto de um forte acúmulo, crescimento nacional e enfrentamento contra a ascensão de Milei, seu programa, e de todos os candidatos capitalistas. O projeto da FIT-U que defendemos, apresentado nas PASO pela **Lista Gabriel Solano e Vilma Ripoll, fez uma importante contribuição**, conquistando um importante apoio, apesar de não ter vencido nacionalmente, mas em algumas províncias, como a emblemática e combativa Salta, com Andrea Villegas do MST à frente da lista de deputados nacionais. **Na província de Buenos Aires, também tivemos uma campanha excepcional com Alejandro Bodart** para governador, apresentando grandes propostas para amplos setores do povo.

Os resultados nacionais apresentaram a contradição entre a força militante e figuras eleitorais. O MST e o PO são as forças mais inseridas em bairros populares e espaços de trabalhadores, mas a balança das PASO pesou para as figuras eleitorais. Nesse caso, o peso está acompanhado pela Izquierda Socialista, com um trabalho débil e ofuscado na campanha pelo lamentável reboquismo às figuras eleitorais do PTS.

Na FIT-U, expressamos há tempos, nos espaços e na campanha que participamos nossas pro-

postas: convocamos plenárias massivas abertas à militância e aos apoiadores da frente, debatemos democraticamente a política, o programa e as candidaturas e **tomamos nossas decisões com um método da classe trabalhadora, com mais de 20 mil companheiras e companheiros presentes. Aquela plenária na Plaza Congreso foi um evento histórico que marcou, na prática, um giro da esquerda anticapitalista e socialista**, um exemplo de como deve ser o debate das estratégias da FIT-U após as eleições: abrir os espaços, democratizar todas as decisões e romper com o limitado modelo eleitoralista.

Há uma luta política pela direção da FIT-U, a campanha eleitoral e seus resultados são um primeiro capítulo de uma luta profunda pelas perspectivas da esquerda. Com o eleitoralismo e o ceticismo, os companheiros do PTS e um setor da esquerda estão satisfeitos apenas com o que foi conquistado. **Temos outra estratégia: partir do que foi conquistado para conquistar ainda**



mais. Avançar na construção de um projeto de esquerda para disputar o poder político, pela mobilização dos trabalhadores e do povo. Nenhum projeto é revolucionário se não lutar por esse objetivo. Neste momento, estamos em unidade na FIT-U para as eleições gerais, mas o debate estratégico seguirá com força após as eleições.

Ato do MST e PO.

FORTALECIMENTO DO MST E IMPORTANTE VITÓRIA NA CAPITAL

Saímos desse processo eleitoral mais fortes, somando os ganhos das eleições passadas. Conquistamos mandatos parlamentares, fortalecemos nossas ideias e figuras políticas, demos um salto com **Cele Fierro** ao ganhar a Capital, **Alejandro Bodart** tornou-se mais co-

nhecido na província de Buenos Aires e **Vilma Ripoll**, com muito sacrifício, contribuiu como candidata a vice-presidenta. Também conseguimos **vencer na** combativa **Salta**, com **Andrea Villegas** como candidata a deputada, o que nos insere, pela FIT-U, à frente nessa província.

Considerando o ano eleitoral como um todo, conseguimos renovar o mandato de Luciana Echevarría em Córdoba, além de ingressar no Conselho da capital da província; em Neuquén, reelegemos Priscila Otton no Conselho e participaremos da alternância no mandato de deputado provincial, também conseguimos a continuidade de Betina Rivero como Conselheira em Palpalá para um mandato completo e faremos parte da alternância no mandato de deputado provincial com Leo Rivero, em Jujuy. Além disso, há pouco tem-

conseguimos fazer o maior progresso, um **local onde temos as melhores chances de conseguir deputados de esquerda**, com o desafio e orgulho de encabeçar a lista pela FIT-U.

Lutaremos contra todos os partidos de direita e contra o progressismo, lutaremos para ampliar ainda mais em outubro e conquistar mais de uma cadeira para a esquerda revolucionária. Essa é a possibilidade mais concreta que a FIT-U possui e precisamos tirar proveito. **Podemos conseguir esses mandatos à serviço das lutas que virão e tornar as ideias da esquerda mais poderosas e massivas.**

CONSIDERAÇÕES

Os próximos anos prometem fortes lutas e tensões sociais na Argentina e no continente. Como parte da tarefa de tornar maior e mais forte a unidade da esquerda, precisamos acrescentar milhares de lutadores à nossa frente e ao nosso partido. Para isso, **apresentamos nosso programa anticapitalista e socialista, base política orientadora na luta por um governo dos trabalhadores e pelo socialismo.** Se organizarmos milhares de trabalhadoras, trabalhadores e jovens, fortaleceremos esse programa, mas, com o sectarismo, se a Frente não for viva e se fechar, o programa, por mais correto que seja, ficará enfraquecido na realidade. **Um programa é forte e sólido não apenas por causa do que diz, mas se tiver milhares de militantes que o defendam e construam.**

Queremos uma FIT-U que entre na luta política e social e organize milhares de pessoas, deixando de lado os hegemonismos. Com a preocupação pela vitória de Milei nas PASO, simpatizantes e eleitores juntaram-se a nós. Temos que incentivar esse processo organizando ativamente ainda mais a militância e **convocando com força total o enfrentamento contra Milei e seu programa reacionário**, nas ruas, na campanha para outubro e em todos os espaços.

O MST e a LIS está travando a batalha política de defesa da FIT-U com uma estratégia socialista ampla. Para que a esquerda ganhe mais força para enfrentar os desafios da turbulência social em nosso país. A esquerda revolucionária não pode fazer menos do que se dedicar completamente aos inevitáveis confrontos de classe que estão no horizonte. ✊



Candidatura do MST e PO.

po, garantimos nossa entrada na Legislatura de Chubut. Ainda teremos direito na alternância de um mandato de deputado nacional e um de deputado provincial em Buenos Aires, retomando assim o que conquistamos nas eleições legislativas de 2021. Todas essas cadeiras são conquistas na defesa das demandas sociais e do nosso programa, para fortalecer a esquerda e construir nosso partido, na estratégia de disputar a vanguarda e o movimento de massas.

Como afirmamos, um fato relevante aconteceu **na capital do país com nossa lista do MST vencendo as primárias pela FIT-U, apresentando Cele Fierro para outubro, primeira candidata a deputada da cidade de Buenos Aires** e Vanina Biasi para chefe de governo. Tudo isso com 65% dos votos pela FIT-U e 5% dos votos totais. Nesse distrito-chave

No Brasil, adquira com seu contato ou pelas redes da Revolução Socialista, o Jornal Luta Socialista e os números anteriores da Revista Revolução Permanente



Acompanhe nosso site e redes sociais:

www.revolucaosocialista.com

Instagram: [revolucaosocialistapsol](https://www.instagram.com/revolucaosocialistapsol)

Facebook: [revolucaosocialistapsol](https://www.facebook.com/revolucaosocialistapsol)

Twitter: [@revolucaospsol](https://twitter.com/revolucaospsol)

PÁG. 6 e 7
Onde vai o Psol?

PÁG. 10
COP-30: um fracasso anunciado

PÁG. 12
Eleições na Argentina

PÁG. 3
5º Congresso da CSP - Conlutas

I Congresso Pan-africano da LIS

A África é um continente de imensa riqueza e, ao mesmo tempo, concentra os níveis mais extremos de pobreza e desigualdade no mundo. A pilhagem e o genocídio, aplicados pelo capitalismo colonial e imperialista, não se encerrou com a independência formal conquistada no século passado. As corporações multinacionais e um punhado de parceiros capitalistas locais continuam saqueando fortunas e mergulhando os povos do continente na pobreza e na fome.

Mesmo assim, os povos africanos nunca aceitaram passivamente a dominação, lutaram, estão lutando e continuarão a lutar heroicamente por sua libertação. No contexto da atual crise global e sistêmica do capitalismo, surgiu uma nova geração de revolucionários especialmente inspirada pela Primavera Árabe da década passada.

Nossa Liga Internacional Socialista, a LIS, começou a se unir com essa nova geração pela incorporação da Liga Socialista Revolucionária (RSL) do Quênia, em 2021. Com eles, estabelecemos vínculos com organizações revolucionárias em dezenas de países africanos com o objetivo de construir uma ferramenta revolucionária continental e global.

Com esse objetivo, o I Congresso Pan-africano da LIS ocorreu entre os dias 28 de agosto e 1 de setembro em Nairóbi, no Quênia. Delegações de organizações revolucionárias da Nigéria, Saara Ocidental, Gana, África do Sul, Senegal, República Democrática do Congo, Zimbábue, Zâmbia, Malawi, Tanzânia, Quênia, Togo, Lesoto e Suazilândia (Essuatíni) se reuni-

ram presencialmente, além da participação virtual de representantes de outros países.

O Congresso debateu as várias experiências desenvolvidas em cada país e avançou na elaboração de um programa e estratégia comum para lutar pela libertação definitiva dos povos africanos contra o neocolonialismo imperialista, para derrotar a burguesia e os governos lacaios nos países e mobilizar as massas trabalhadoras para a tomada do poder, construindo uma África socialista unida.

Debateu-se a situação na África Ocidental, onde uma série de golpes em Burkina Faso, Mali e, mais recentemente, no Níger e Gabão, depuseram regimes controlados pela França e pelo imperialismo ocidental, preparados para intervir militarmente com o objetivo de retomar seu domínio. Estamos desenvolvendo uma política revolucionária de defesa do direito à autodeterminação dos povos contra a intervenção imperialista com uma posição independente de todos os regimes capitalistas e potências imperialistas.

Acima de tudo, debatemos como construir uma ferramenta política revolucionária e internacionalista pan-africana em nível continental com a estrutura da Liga Internacional Socialista para lutar por um mundo socialista, em unidade com nossos companheiros de classe de todo o planeta.

Irmãos e irmãs de classe de toda a África, uni-vos! Não temos nada a perder além de nossos grilhões. Temos um mundo a ganhar!



ISSN 2683-779X



9 772683 779016